

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DO INSTITUTO
FEDERAL GOIANO E A PANDEMIA DA COVID-19**

MARLENE APARECIDA MESQUITA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DO INSTITUTO
FEDERAL GOIANO E A PANDEMIA DA COVID-19**

MARLENE APARECIDA MESQUITA

Sob a orientação do Professor

Jorge Luiz de Goes Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M578p MESQUITA, MARLENE APARECIDA , 1963-
OS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DO INSTITUTO
FEDERAL GOIANO E A PANDEMIA DA COVID-19 / MARLENE
APARECIDA MESQUITA. - Seropédica, 2024.
80 f.: il.

Orientadora: Jorge Luiz de Goes Pereira.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2024.

1. Projetos de Vida. 2. Jovens rurais. 3. Pandemia
da Covid-19. I. Pereira, Jorge Luiz de Goes , 1967-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

MARLENE APARECIDA MESQUITA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/02/2024.

Prof. Dr. Jorge Luiz de Goes Pereira, UFRRJ.
(Orientador)

Profª. Dra. Monica A. Del Rio Benevenuto ? UFRRJ.

Profª. Dra. Lilian Perdigão Caixeta Reis ? UFV.

(Assinado digitalmente em 09/04/2024 14:39)
JORGE LUIZ DE GOES PEREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHOT (12.28.01.00.00.00.10)
Matrícula: 1720967

(Assinado digitalmente em 09/04/2024 18:46)
MONICA APARECIDA DEL RIO BENEVENUTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHOT (12.28.01.00.00.00.10)
Matrícula: 387368

(Assinado digitalmente em 09/04/2024 17:57)
LÍLIAN PERDIGAO CAIXÊTA REIS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 568.896.586-04

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **25**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE**

MESTRADO, data de emissão: **09/04/2024** e o código de verificação: **54bb71382f**

EPÍGRAFE

“A terra se tornaria inabitável se cada um deixasse de fazer por polidez o que é incapaz de fazer por amor. O mundo seria quase perfeito, se cada um conseguisse fazer por amor o que só faz por polidez” (G. Thibon).

DEDICATÓRIA

À Deus pela oportunidade da existência, por me proporcionar tantos caminhos ao longo dela e por estar sempre presente, sendo força, luz e fé a cada passo. Aos meus pais pela dádiva preciosa da vida e a dedicação ao me educar, às minhas filhas Janine e Ariana, por serem tão presentes e força constante, ao meu neto Augusto pelas aventuras nas descobertas do mundo e pelos momentos de alegria, paz e descontração.

AGRADECIMENTOS

Com o correr do tempo, após algumas décadas de vivências, vários conceitos vão mudando e um dos que sofreram mudanças foi o da gratidão, coisas que me trouxeram dor e sofrimento no momento, me mostraram com o tempo que foi melhor para o meu aprimoramento pessoal. Por todos os conhecimentos e livramentos que a vida me deu até aqui, a minha maior gratidão é para Deus e a Amada Mãe Nossa Senhora Aparecida. Deus sempre me empurra para os desafios da vida, como esse do Mestrado, mas mesmo com muita luta, dificuldades e sofrimentos, ele tem me honrado e amparado por todo o caminho e me feito viver inúmeros momentos cheios de magia e significados, revivendo minha história de vida, revisitando as lutas e desafios da vida rural, através de vários momentos e histórias que ouvi e partilhei nesses dois anos, minha eterna gratidão por esse presente.

Gratidão ao IF Goiano na pessoa do Diretor Dr. Paulo César e em especial ao Professor Dr. Gilson Dourado por essa oportunidade. Foi Graças à insistência dele que resolvi tentar essa vaga e com seu apoio especial e do Professor Claudécir que aproveitei o momento e a oportunidade. Foi muito importante o apoio da minha equipe de trabalho, especialmente da minha chefe Bethânia e da colega Tati que se desdobrou para me cobrir nas minhas ausências.

Agradeço a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pelo esforço dispendido para a qualificação de tantos profissionais da educação. Gratidão especial ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Luís de Goes Pereira, pela paciência e dedicação em me ajudar a superar tantos obstáculos e dificuldades. Estendo essa gratidão a cada professor que não se importaram com a distância, e tantos outros desafios, sempre se deslocaram para estar conosco e partilhar os conhecimentos, nos levando em tantas jornadas e desafios nesses dois anos. Isso me fez crescer, rever conceitos, ampliar meus horizontes, viver muitos momentos educacionais e de aprendizado. É isso que estou levando comigo dessa jornada.

Minha especial e eterna gratidão as minhas filhas Janine e Ariana, meus dois maiores tesouros, que sempre estão comigo em cada trequinho dessa etapa chamada vida, que no Mestrado foram ancoras especiais a me dar estabilidade, força e motivos para seguir.

Em meio a momentos dos maiores desafios agradeço a dedicação incansável da minha filha, Dra. Janine Mesquita Goncalves, que me ajudou e orientou a cada atividade, me cobrando sempre o melhor, em todas as etapas. Ela que mesmo trabalhando, em meio ao caos e desafios do meu mestrado, me presenteou com mais um tesouro, meu Neto Augusto, que chegou trazendo renovação nas minhas forças e propósitos, fortalecendo minha vontade a

cada sorriso, gracinhas e abraços. Meu carinho ao meu genro Marlon e meu neto do coração Marco, que passaram a fazer parte da minha família.

Reitero meu carinho e amor incondicional a minha mãe, Dona Regina, pelo exemplo de força, garra e fé em meio as dificuldades e tribulações da vida, as quais ela sempre responde com sua alegria e uma força monumental, seguindo sempre como ela mesma nos diz, segurando na mão de Deus. Sei o quanto ela se alegra a cada conquista minha.

Ao longo de sessenta anos não faltam a quem agradecer, no percurso educacional agradeço a cada professor que colocou um tijolinho na construção do meu saber, em especial a Dona Eurides e ao Sr. Levertino, pelas primeiras e mais importantes descobertas a leitura e a escrita. O meu carinho a cada aluno que passaram pelos meus caminhos por me ensinar tanto, a cada um dos discentes que fizeram parte dessa pesquisa, em especial aos que se dispuseram de parte do seu tempo me contando suas histórias.

RESUMO

MESQUITA, Marlene Aparecida. **Os Projetos de Vida dos Jovens Rurais do Instituto Federal Goiano e a Pandemia da Covid-19**. 2024. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

Sabemos que embora a educação básica esteja a encargo dos estados e municípios, nos Institutos Federais, ela continua a encargo da União. Portanto, na pandemia, os Institutos observavam as determinações sanitárias das três esferas do poder. O governo federal, através do Ministério da Educação, observava as determinações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde, pois na pandemia o que acontecia a nível mundial, nacional, estadual e municipal deveria ser aplicado. Esta pesquisa visa discutir as experiências das possíveis alterações nos projetos de vida vivenciados pelos jovens estudantes das zonas rurais, matriculados no ano de 2020, do curso Técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no ano de 2022, no Campus Urutaí, durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19, principalmente durante o ensino remoto adotado pelo IFGoiano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde utilizamos de um Estudo de Caso, tendo em vista que a pandemia da Covid-19 é uma situação recente e não há muitas informações sobre os seus impactos nos projetos de vida e na formação técnica dos/das jovens rurais. Para tanto, foram organizadas Rodas de Conversas com os estudantes de áreas rurais. Foram utilizados dados dos Registros Acadêmicos do Instituto para nos ajudar a identificar o número de desistência e evasão escolar. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma amostra aleatória desses jovens para aprofundarmos as questões apresentadas em Rodas de Conversas. Podemos concluir que todos os jovens da pesquisa, tiveram seus projetos de vida alterados, pela pandemia de Covid-19. Pois afirmaram que nada voltou ao normal exatamente como era, mas sim com algumas alterações e seus efeitos estão presentes nas formas de conceber a vida, os valores, de relacionar-se, trabalhar, produzir, consumir e educar.

Palavras-chave: Projetos de Vida, Jovens rurais, Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

MESQUITA, Marlene Aparecida. **The life Project of rural Young people and the Covid-19 pandemic.** 2024. 80 f. Master Degree in Agricultural Education. Agronomy Institute, Federal University of Rural of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

We know that, although basic education is the responsibility of the states and municipalities. In the Federal Institutes, it continues to be the responsibility of the Union. Therefore, during the pandemic, the Institutes observed the health determinations of the three spheres of power. The federal government, through the Ministry of Education, observed the determinations of the Ministry of Health and the World Health Organization, because in the pandemic what happened at the global, national, state and municipal levels should be applied. Discuss the experiences of possible changes in the life projects experienced by young students from rural areas, enrolled in the year 2020, of the Technical Course of Agriculture Integrated to High School in the year 2022, at the Urutaí Campus, during the most critical period of the Covid-19 pandemic, especially during the remote teaching adopted by IFGoiano. This is qualitative research, where we will use a case study, considering that the Covid-19 pandemic is a recent situation and there is not much information about its impacts on the life projects and technical training of rural youth. To this end, Conversation Circles were organized with students from rural areas. Data from the Institute's Academic Records were used to help us identify the number of school dropouts and dropouts. Then, semi-structured interviews were conducted with a random sample of these young people to deepen the questions presented in the Conversation Circles. We can conclude that all the young people in the research had their life projects changed by the Covid-19 pandemic. Because they affirmed that nothing has returned to normal exactly as it was, but with some changes and their effects are present in the ways of conceiving life, values, relating, working, producing, consuming and educating.

Keywords: Life Projects, Rural young people, Covid-19 Pandemic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
METODOLOGIA	6
CAPÍTULO I: A PANDEMIA DA COVID-19 - UM CONTEXTO COMPLEXO	16
1.1 A Pandemia da Covid-19	16
1.2 A Pandemia da Covid-19 e a Educação Brasileira	19
1.3 O IF Goiano - Campus Urutaí no Contexto da Pandemia da Covid-19	22
CAPÍTULO II: O PROJETO DE VIDA, DOS JOVENS RURAIS E SEUS DESAFIOS	26
2.1 Projeto de Vida e suas Definições	26
2.2 A Juventude e Projetos de Vida Dos Jovens Rurais	29
2.3 Família, Sucessão e Êxodo Rural	34
CAPÍTULO III: O CONTEXTO DOS ESTUDANTES RURAIS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	41
3.1 Os Projetos de Vida como Impulsionador de Sonhos	41
3.2 Vida e Trabalho Rural, diante das questões de gênero	45
3.3 Vida, Ruralidade e Educação no contexto da Pandemia de Covid-19	49
CAPÍTULO IV: O FRACASSO ESCOLAR DO JOVEM RURAL E DA PANDEMIA DE COVID-19	55
4.1 O contexto de Vida dos Jovens Rurais e seus Projetos de Vida	55
4.2 O curso Técnico em Agropecuária no contexto da Pandemia a Covid-19	61
4.3 Os Novos Projetos de Vida dos Jovens Rurais no Pós-Pandemia da Covid-19	64
5 CONCLUSÃO	67
6 REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	77
ANEXO I	77
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	77
ANEXO II	78
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	78
ANEXO III	80
QUESTÕES NORTEADORAS DAS RODAS DE CONVERSA E ENTREVISTAS	80

APRESENTAÇÃO

Minha história na educação nessas seis décadas, talvez seja igual a de muitos Brasil a fora. Nasci em 1963, em um município Goiano, onde energia elétrica mal chegava nas cidades, então na zona rural, onde eu morava, era só um sonho. Fui criada em uma fazenda que era dos meus avós maternos, que havia sido do meu bisavô, que havia vindo de Minas nos tempos da colonização. A luz era de lamparinas e candeias no começo, nos meus primeiros anos de vida. Com 5 anos, eu já tinha minha parcela de atividades para ajudar no trabalho, mas ainda não podia ir à escola, pois as crianças a época só iniciavam aos 8 anos. Pelo que eu ouvia, eram muitos alunos e poucos professores. Tive muita sorte já que na década de 60, um fazendeiro cedeu um espaço e a prefeitura, com ajuda do estado, haviam construído uma escola e uma casa para a família dos professores morarem. Havia também contratado um casal de professores com o Magistério, que o Estado pagava. Eu sonhava com o dia que poderia começar a estudar, meus irmãos, primos e amigos um pouquinho mais velhos, já estudavam.

No começo de 1971, eu tinha sete anos e meio, ainda não poderia ir para a escola, mas eu chorei e atormentei tanto a minha mãe, que ela resolveu conversar com os professores que eram muito amigos da família e na época pertenciam a mesma comunidade eclesial de base da Igreja Católica, assim com essa conversa a professora me aceitou como aluna e assim começou a minha história na educação. Estudei nessa escola há 20 (vinte) quilômetros da cidade e há 6 (seis) da minha residência, para onde ia a pé, por 5 (cinco) anos, já que nas escolas multisseriadas na zona rural do município estudava-se até a quarta série do chamado primário. A família que resolvesse que os filhos deveriam continuar teriam que levar os filhos para a cidade, era nesse contexto que muitas famílias decidiam que os filhos não prosseguiriam, ou levariam para a cidade. Sem eles que foi o meu caso ou a família mudaria para a cidade, para os filhos cursarem o ginásial.

Quando fui para a cidade cursar o ginásial, contava a época 13 (treze) anos, contudo minha família passava por momento de doença do meu pai. No ano seguinte, fiquei sem estudar para ajudar nos trabalhos da fazenda. No próximo ano, quando voltei para a cidade, tinha o compromisso de cuidar de 3 (três) irmãs mais novas. Muitas vezes tínhamos que voltar para casa nos finais de semana e feriados para ajudar no trabalho. Era essa a vida dos filhos da zona rural àquela época. Pude observar que para alguns ainda são cobrados compromissos de trabalho como era, mas não com todos, hoje é uma porcentagem bem pequena que continua como força de trabalho. Mas, aqui estou estudando e trabalhando. O trabalho também sempre

me manteve dentro da escola e em mais alguns anos me aposentarei, porém, meu coração e as memórias sempre estarão ligadas à educação.

O interesse por esta pesquisa surgiu ao se observar vivência intensa que a pandemia impôs a toda população mundial. A partir desse olhar, surgiu a necessidade de se analisar e registrar os fatos reais, concretos, que aconteceram aos jovens rurais matriculados no Curso de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do campus Urutaí/GO entre 2020 a 2022 com o advento da pandemia.

Dentro da temática levando-se em consideração a minha vivência de anos junto aos estudantes e por conhecer a intensidade com que vivem e sentem os acontecimentos e por vivenciar o surgimento da doença, no trabalho, nos dias junto a esse público até o momento que em 16 de março de 2020, quando foi decretada a paralisação das atividades nos Institutos Federais, em especial aos que tem residência estudantil, devido a facilidade do contágio.

Ao reviver fatos durante a pesquisa e escrita do trabalho, a intensidade dos dias, onde cada momento tinha o peso de uma atmosfera de medo, foi possível perceber, verificando os fatos na pesquisa, junto aos alunos, como foi para eles esse tempo. Esse contexto foi devidamente comprovado com estudos, na sequência cronológica e por meio dos instrumentos descritos na metodologia.

Observando, estudando e analisando a partir de então, como foram os dias e as vivências deles diante dos acontecimentos pelos quais passaram, da realidade imposta pelos fatos que foram acontecendo tanto em nível mundial quanto do seu dia a dia, onde tantos direcionamentos foram tomados e até impostos diante da realidade do momento. Eles vivenciaram mortes por doenças, mortes trágicas por acidentes e até mesmo suicídios de colegas de Instituto, devido as pressões das incertezas da vida.

Verificamos em acordo com o momento os seus direcionamentos e de suas famílias, as readequações quanto aos seus projetos de vida, se foram abandonados ou só adiados devido aos contratempos da pandemia de Covid-19, como o isolamento social, o fechamento do Instituto e o ensino remoto para os/as que tiveram acesso e optaram por continuar, o trancamento e as desistências ou alterações que a vida e o momento impuseram, devido as necessidades vivenciadas por cada um.

INTRODUÇÃO

Uma pandemia é capaz de trazer modificações na dinâmica socioeconômica de um país. Em meio a tantos desrespeitos com o planeta, em especial com o meio ambiente, sempre chega o momento que ele cobra seu preço. Isso vem acontecendo ao longo da história após cada guerra e com a destruição em massa do meio ambiente. O ser humano se esquece que por mais evoluído que se considere em todos os aspectos científicos, ele faz parte desse ecossistema e que a cobrança o atingirá, de uma forma ou de outra, quer através de elementos essenciais como o hídrico, quer através das doenças provocadas pelo processo de exclusão de outros seres humanos, vivendo na mais extrema pobreza, e ainda através da poluição do solo, da água e do ar.

Na grande maioria das vezes, a conta chega por meio de doenças e por mais que se imagine o mundo como grande, ela se alastra, atingindo todo o planeta, como já tivemos os mais variados exemplos, e são sempre tragédias anunciadas que realmente se transformaram em pandemias. A mais recente é a pandemia de Covid-19. Ela já chegou impondo várias mudanças no modo de vida em todo planeta.

Alterações no modo de vida e funcionamento da sociedade foram adotadas como tentativas de conter a disseminação do vírus, como o distanciamento, isolamento social e a quarentena, bem como o bloqueio desse sistema teve suas consequências diretas e indiretas nos diversos setores sociais, como o econômico e o ambiental (Souza, 2020, p. 69).

Dentro do universo educacional o Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí conta com um corpo discente composto por alunos de várias cidades circunvizinhas e até mesmo de outros estados pela comodidade do Instituto em ofertar alojamentos masculinos e femininos, para menores e maiores de idade, assim sendo os alunos residentes contavam quase 500 alunos no início da pandemia de Covid-19.

Muita coisa mudou nesse cenário com o surgimento da pandemia e com a necessidade de conter a propagação do vírus foi decretada a paralisação. Após várias prorrogações, a paralisação chegou há quase 2 (dois) anos. A demora se deu em parte pelo grande compromisso da instituição com os alunos, especialmente os residentes, dadas as dificuldades de se manter o distanciamento social e todas as demais medidas de segurança necessárias para conter a disseminação do vírus dentro da Instituição.

A pandemia surgiu como uma tragédia anunciada, sem que a população desse muito crédito, como vem acontecendo sempre em relação aos estudos científicos. Muito desse

descrédito se deve ao incentivo por parte das autoridades políticas do país. Como não poderia deixar de ser, a pandemia modificou, assustou e alterou o modo de vida da população a nível planetário, ceifando vidas, mudando as formas de se relacionarem e até mesmo as estruturas sociais e familiares.

Devido a Covid-19, segundo orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e demais autoridades sanitárias foram estabelecidas a paralisação de todas as atividades sociais, dentre elas, as educacionais, com a finalidade de se manter o distanciamento social como medida preventiva para se evitar a transmissão do vírus, para o qual não havia tratamento. Em 17 de março de 2020 teve início essa paralisação das atividades pedagógicas presenciais, após algumas prorrogações, vendo que o fato poderia se prolongar por período indeterminado foi decidido então que as aulas passariam a acontecer no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano, de forma remota via *internet*, através das plataformas utilizadas pelo Instituto.

Com a decisão, após preparação e adequação dos meios, em 4 (quatro) de maio de 2020, quase 2 (dois) meses após o início da quarentena decretada pelo Ministério da Saúde, as aulas passaram a acontecer de forma remota, através dos meios que eram utilizados pelos/pelas adolescentes até então como meios de comunicação, pesquisa e lazer.

A sala de aula foi trocada pela tela do computador, a convivência diária com várias pessoas pela restrita ao núcleo familiar, ficando ainda mais restrita para os alunos residentes nas zonas rurais, a troca da aprendizagem relacional, pela aprendizagem à distância com acesso mais direto somente ao professor e quando absolutamente necessário.

Dessa forma, o projeto individual nunca é puro, mas existe referido ao outro, ao social, principalmente à família e às relações de parentescos, mas também nas relações e experiências de contato com o mundo do trabalho, da educação formal e de exploração/ampliação das próprias habilidades e capacidades nos processos de formação, aprendizagem e de reconhecimento do mundo (Pereira; Sousa, 2020, p. 5).

Sabemos a grande importância das interações e do convívio dos adolescentes, é das interações sociais, das conversas, debates, discussões tanto com colegas quanto com professores e com o mundo da escola, que eles vão vendo, observando e elaborando os seus projetos de vida, profissão e futuro. Foi nesse pensamento que observamos o impacto da pandemia, desses três anos do Ensino Médio, sendo dois exclusivamente *online*, conhecemos o real significado para os jovens que optaram em continuar, esse tempo no ensino remoto, privados da experiência do convívio humano, das interações e vivências que o ambiente físico

da escola proporciona. Foi possível no decorrer da pesquisa, observando os resultados de como foram as dúvidas e angústias para os que trancaram ou desistiram.

Foi possível observar que os jovens residentes nas zonas rurais, ainda atribuem grande importância às relações e ao meio social na elaboração dos projetos de vida, sabemos que mesmo com o avanço dos meios de comunicação, ainda são criados ouvindo mais e atribuindo muito valor a opinião das pessoas de sua convivência.

Assim sendo, sabemos a importância que dão ao meio escolar, especialmente aos professores, colegas e as diversas atividades formativas que o meio proporciona. Por várias questões, como a dificuldade de acesso às aulas remotas, pela ausência ou dificuldades de conectividade, pela sensação de isolamento e distanciamento do meio escolar, pela necessidade de trabalhar, pela desigualdade social que muito contribuiu na pandemia e continua contribuindo com as dificuldades dos jovens.

Portanto, foram vários os motivos que contribuíram para afastar da escola os alunos, os levando a optar por desistir ou trancar o curso, o seu retorno era um contexto incerto, mas que se transformou em certeza com o decorrer dos dias e do tempo da pandemia, foi o que descobrimos com o estudo, que para muitos a transformação foi tão grande que mudaram completamente os rumos que haviam traçado para suas vidas.

Analisando a importância das vivências e experiências que o Ensino Médio traz, o foco dessa pesquisa foi na importância da convivência que essas jovens do ensino médio foram privados na pandemia, em especial para os jovens da zona rural, que muitas vezes, mesmo em tempos normais, sem o isolamento social da pandemia, se sentem isolados pelo próprio contexto da dura realidade da vida em áreas rurais.

Sendo este capital social uma espécie de mobilizador de trocas simbólicas, é a energia relacional necessária para que acordos sejam firmados, elos estabelecidos, grupos concatenados, a reciprocidade, as trocas e a informação construída (Marteleto; Pimenta, 2017, p. 204).

No Instituto Federal, onde o Ensino Médio é integrado ao de Agropecuária, observamos que esses alunos buscam este curso muito pela vivência acadêmica a ser adquirida e por se identificarem com a similaridade do curso com a realidade tão conhecida e pela oportunidade de inserção no mundo profissional que desejam.

Muitos desses jovens têm como sua moradia a zona rural, ou a tem como meio de trabalho e subsistência da família, onde eles se inserem nos afazeres desde muito cedo. Os

jovens chegam ao curso trazendo a experiência da vida rural, grandes expectativas e especial interesse pelas aulas práticas que fazem parte da carga horária do curso.

O problema investigado tem a ver com os dizeres de Velho (1994), sobre a necessidade que os seres humanos têm da interação social, que a sua ausência causa impactos e mudanças na vida, no jeito de ser e viver e nos projetos de vida. Foi possível observar as angústias e incertezas sentidas por esses adolescentes das zonas rurais, durante o tempo que ficaram distantes da escola com suas atividades rotineiras, foi grande a dificuldade deles, em entender, processar e prosseguir com os estudos de forma *online*. Foi uma sensação de não pertencimento, é possível dizer que, para alguns, foi de adoecimento, de estar fora do seu lugar, isolados, já que o mundo lá fora estava doente. Se a juventude é um momento de incertezas, dúvidas e buscas, para esse grupo trouxe tudo isso com o peso de estarem distantes da escola, das relações de amizade advindas dela, de um convívio mais estreito com o poder das interações de aliviar um pouco as tensões quanto ao futuro.

Assim como todos os homens em princípio interagem socialmente, participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados que definem a própria natureza humana (Velho, 1994, p. 63).

O objetivo desse estudo foi conhecer as experiências e as possíveis alterações nos projetos de vida vivenciados pelos jovens estudantes da zona rural, que foram matriculados no ano de 2020, do curso Técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Campus Urutaí, durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19, principalmente durante o ensino remoto adotado pelo IF Goiano. Como objetivos específicos definimos: a) Apresentar o que aconteceu durante a pandemia com os projetos de vida dos/das jovens rurais matriculados no Curso Técnico em Agropecuária; b) verificar junto aos discentes as principais causas do sucesso ou fracasso dos seus projetos educativos na pandemia; e c) avaliar a visão dos/das alunos da zona rural que continuaram, sobre a educação online.

O trabalho está organizado da seguinte forma: No primeiro capítulo, discutiremos o jovem e seu engajamento em busca de perspectivas no meio onde vive, caso específico da escola, local que faz parte do seu projeto de vida, já que ela se apresenta a esses jovens como um meio para alcançarem maiores possibilidades, abrindo maior leque de opções a serem seguidas, para o jovem rural são opções novas que surgirão e ele como tem noção, conhece o Curso de Técnico Agrícola, buscava esses conhecimentos a serem aplicados na propriedade

familiar ou o curso seria o meio de ingressar no Curso Superior, para uma carreira nova e de futuro e a pandemia interrompeu ou adiou esses sonhos.

A juventude rural, ao romper as fronteiras culturais entre campo e cidade, traz novos sentidos para suas identidades sociais, seus projetos de vida, em que a permanência nas atividades rurais nem sempre é desejada, mesmo que o viver no campo ainda seja sua referência principal (Pereira; Souza, 2020, p. 4).

O segundo capítulo discorre como foi o tempo da pandemia para o jovem rural, com a sala de aula, a convivência diária com várias pessoas ficando restrita ao grupo familiar, ela sendo trocada pela tela do computador, para os que continuaram, pela aprendizagem à distância com acesso mais direto somente ao professor e quando absolutamente necessário. E, para os que optaram em não continuar como foi a vida trocada pelo trabalho, com a finalidade de ajudar a família na sua sobrevivência.

No terceiro capítulo falaremos sobre os projetos construídos pelos jovens ao longo de sua trajetória de vida, do fato de nem sempre serem possíveis a sua execução e da frustração dos planos iniciais. Discutiremos como foi para o grupo de jovens dessa pesquisa as dificuldades em conviver com esses fatos, o refazer desses planos, as dificuldades de recomeçar, já que os planos foram completamente mudados pela pandemia.

Trazemos na conclusão da pesquisa, uma análise das experiências, histórias e projetos de vida desses alunos da zona rural, matriculados no ano de 2020, do curso Técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, no Campus Urutaí. Apresentamos os seus sucessos na execução dos projetos, os adiamentos, fracassos e reconstruções, para aqueles que por motivos variados, não conseguiram dar prosseguimentos a seus estudos, ao seu projeto de vida inicial.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde utilizamos de um Estudo de Caso, tendo em vista que a pandemia da Covid-19 é uma situação recente e não há muitas informações sobre os seus impactos nos projetos de vida e na formação técnica dos jovens rurais. Um Estudo de Caso consiste em uma estratégia de pesquisa que foca em acontecimentos contemporâneos, surge da necessidade de estudar e compreender um fenômeno social. O Estudo de Caso nos permite uma investigação preservando as características significativas dos fatos, pois estudamos com observação direta dos acontecimentos e entrevistas das pessoas neles envolvidas (Malheiros, 2011).

A essência de um Estudo de Caso é que ele tenta esclarecer um fato ou um conjunto de fatos a luz dos estudos científicos, enfrentando uma situação técnica única em que poderá haver muitas variáveis, baseando-se em fontes de evidências, beneficiando-se do desenvolvimento prévio, de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados. Portanto, Estudo de Caso é uma técnica abrangente, quer no planejamento, na confecção do projeto, na escrita da dissertação, no uso das técnicas da coleta de dados, na análise e escrita dos resultados (Yin, 2005).

O trabalho foi desenvolvido nas dependências do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, no período de agosto de 2022 a novembro de 2023. Dentro deste cenário, fizemos um estudo das consequências e impactos da pandemia, onde o curso quase todo foi realizado à distância. Foi verificado dentro das metodologias adotadas e a amplitude do tema, responder aos questionamentos estabelecidos no projeto: O que aconteceu com os jovens rurais do curso de técnico em Agropecuária ingressantes em 2020 no período de 2020 a 2022? Houve desistências, trancamentos, abandonos? Quais os motivos declarados pelos/pelas jovens? Como ficaram seus projetos de vida durante esse tempo?

O Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí está localizado no município goiano chamado Urutaí, na microrregião de Pires do Rio, fazendo parte da região da estrada de ferro que está inserida na Mesorregião sul goiano, limitando-se com os municípios de Pires do Rio, Orizônia e Ipameri, situado nas coordenadas geográficas: Latitude 17° 27' 49" S e Longitude: 48° 12' 06" W. O município conta com uma população de 3.058 habitantes,

viventes na zona rural e urbana, conta ainda com uma população flutuante. Isso altera o número de habitantes na zona urbana nos períodos letivos do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí, gerando movimento no comércio local.

A unidade educacional acima citada foi criada pela Lei nº 1.923 de 28 de julho de 1953, com a denominação de Escola Agrícola de Urutaí-GO, nas instalações da antiga fazenda Modelo que funcionou por várias décadas como Centro de Criação de Raças Bovinas de alto padrão zootécnico, à época a escola era subordinada ao Ministério da Agricultura. Em 1964, passou a se chamar Ginásio Agrícola de Urutaí e em 1977 foi autorizado a funcionar o Curso Técnico em Agropecuária, com nível de segundo grau, com a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, sendo consolidado esse nome em 1980. O ano de 1990 foi marcado pela implantação do primeiro Curso Superior, o Curso de Tecnologia em Irrigação e Drenagem (TID). Na nova década, em 2002, houve a transformação e mudança de denominação de Escola Agrotécnica Federal de Urutaí para Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí – CEFET. Posteriormente, com o Decreto nº. 5225, de 1º outubro de 2004, o CEFET Urutaí passa a ser Instituição de Ensino Superior. Em dezembro de 2008 surgem os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 e com isso ocorreu a transformação de Cefet em Instituto Federal Goiano.

Atualmente o Instituto Federal Goiano Campus Urutaí oferece 12 (doze) cursos superiores entre bacharelados, licenciaturas e tecnológicos, no Ensino Médio e Técnico ofertando cursos nas modalidades: integrado ao Ensino Médio, Concomitante 1 e Subsequente 2. São ofertados também cursos de Pós-Graduação, Mestrados Profissionais dentro da Instituição e em convênios com outras instituições.

Dentro do universo educacional o Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí conta com um corpo discente composto por alunos de várias cidades circunvizinhas e até mesmo de outros estados pela comodidade do Instituto em ofertar alojamentos masculinos e femininos, para menores e maiores de idade, assim sendo os alunos residentes contavam quase 500 alunos no início da pandemia de Covid-19.

Muita coisa mudou nesse cenário com o surgimento da pandemia e com a necessidade de conter a propagação do vírus foi decretada a paralisação. Após várias prorrogações, a paralisação chegou há quase 2 (dois) anos. A demora se deu em parte pelo grande compromisso da instituição com os alunos, especialmente os residentes, dadas as dificuldades

que havia de se manter o distanciamento social e todas as demais medidas de segurança necessárias para conter a disseminação do vírus.

Nesta parte do trabalho, foram inclusos os discentes que concluíram o curso, os que estão tentando concluir e os que evadiram. Para a obtenção dos dados consistentes, utilizou-se pesquisa na secretaria do Instituto, no programa (SUAP) na *internet* e o principal através de Rodas de Conversas e entrevistas com discentes que se dispuseram a participar da pesquisa, conforme fica detalhado abaixo. A maioria dos discentes não concluintes optaram por não participar, mas alguns fizeram relato informal à pesquisadora sobre o que aconteceu no período em que desistiram do curso.

Para tanto, foram organizadas Rodas de Conversas com os estudantes de áreas rurais matriculados no ano de 2020, selecionados dentre os 57 alunos do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Campus Urutaí, que retornaram após a paralisação. Foram realizadas entrevistas com as mesmas perguntas, com os alunos que abandonaram.

A técnica de Rodas de Conversas nos oferece a oportunidade de uma prática dialógica de pesquisa de cunho qualitativo, que permite o exercício do pensar compartilhado, contribuindo com a reflexão e o diálogo do grupo, dando autonomia a todos na participação e exposição dos fatos e no compartilhamento das vivências, possibilitando assim a significação dos acontecimentos. Essa técnica permitiu também que os participantes refletissem acerca do seu cotidiano e das mudanças sofridas durante a pandemia em relação aos estudos, a escola, o trabalho e ao seu projeto de vida.

A Roda de Conversa quando utilizada como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar, de modo que a conversa seja relevante para o grupo, isso suscitará a atenção no exercício da escuta e da fala. Conversar nesta acepção remete à compreensão, reflexão e ponderação com mais profundidade sobre os acontecimentos e fatos (Moura; Lima, 2014, p. 28).

Justificou-se o uso da Roda de Conversa na pesquisa de Estudo de Caso, pelo poder da participação ativa através da voz que se dá aos alunos, que é o ponto central desta técnica. Foram realizados dois encontros para roda de conversas das questões do questionário onde tudo foi devidamente gravado para a transcrição após final do segundo encontro. A seguir, a autora abaixo, afirma os dizeres sobre a técnica.

Para fins de ensino, um Estudo de Caso não precisa conter uma interpretação completa ou acurada de eventos reais; em vez disso, seu propósito é estabelecer uma estrutura de discussão e debate entre os estudantes (Yin, 2005, p. 20).

Utilizamos de dados dos Registros Acadêmicos do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí para que nos ajudasse a identificar os alunos que prosseguiram, trancaram, evadiram. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma amostra desses jovens para aprofundarmos as questões apresentadas nas Rodas de Conversas. Para os dados qualitativos, utilizamos a Técnica da Análise do Discurso, que consiste em um procedimento metodológico aplicado, especialmente nas pesquisas qualitativas que partem do princípio de que a realidade não existe só, mas na interpretação que as pessoas fazem da realidade e a fala é a expressão mais simples para comunicar a interpretação de um fenômeno.

Só descrever um fato não implica necessariamente conhecê-lo na sua essência. E ao optar por fazer uma pesquisa qualitativa, independentemente do procedimento técnico escolhido, o que se busca é a verdade do fenômeno (Malheiros, 2011, p. 207).

O que diferencia a Análise Textual da Análise de Discurso é que a primeira faz análise de textos. Já a segunda analisa todos os tipos de discurso que é a prática da linguagem em movimento, mediadora entre o homem e o ambiente natural e social. No caso dessa pesquisa, a utilizamos na análise dos diálogos ou discursos, sejam gravadas ou escritas, foram analisadas e interpretadas as mensagens de acordo com quem emite e a recebe, conforme o contexto em que está inserida. Na Análise do Discurso, pelo fato deste ser considerado como a prática da linguagem, portanto, imbuído de movimento. Nesta técnica, a linguagem é entendida como mediadora das relações entre o ser humano, seu ambiente natural e social, sendo produzida e interpretada de acordo com quem emite e recebe a mensagem, agregando todo o contexto em que o discurso está inserido (Rodrigues; Melo, 2020).

O Instituto Federal Goiano oferta anualmente no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, 160 vagas, divididas em quatro turmas de 40 alunos. No ano de 2020 o total de vagas ofertadas não foram todas preenchidas, o total de matriculados foram 142 alunos. Houveram desistências não especificadas em números, antes do início da pandemia. Desse total, somente 18 dos alunos matriculados, eram residentes na zona rural, sendo eles o nosso foco na pesquisa, já que iniciaram o curso antes da pandemia. Dos 22 alunos que terminaram o curso no tempo regular em 2022, seis são oriundos do meio rural e fazem parte do grupo dos 18, do início do curso.

Foi feita uma reunião informal, onde não gravamos, com o objetivo de conversar informalmente e tirar dúvidas dos alunos sobre todo o processo. No final da reunião, confirmamos quem iria participar, esses assinaram o termo de consentimento das rodas de conversa, dos seis, somente quatro se dispuseram a participar, sendo três moças e um rapaz, foram realizados novos contatos com os dois que não concordaram, inclusive com a ajuda da coordenadora de assuntos educacionais, mas eles se recusaram, sendo assim prosseguimos com as Rodas de Conversa com os quatro alunos.

Dos seis alunos restantes, após trancar devido à pandemia, por vários motivos discutidos no terceiro capítulo, eles ainda não concluíram, mas seguem estudando, dois deles, sendo uma moça e um rapaz, concordaram em serem entrevistados, isso após duas reuniões informais. As entrevistas aconteceram individualmente, em momentos diferentes, como aparece na discussão, na terceira parte do trabalho. A Tabela 1 apresenta o quantitativo dos participantes da pesquisa:

Tabela 1 – Grupo participante da pesquisa – alunos da zona rural

Vagas ofertadas em 2020	Alunos matriculados	Alunos da zona rural
160	142	18
Retornaram após a pandemia	57	12
Abandonaram na pandemia	85	6
Trancaram ou reprovaram na pandemia	35	6
Concluíram no tempo regular	22	6

Fonte: elaborado pela própria autora, 2023

Foi possível conhecer através do levantamento e dos dados apresentados que 6 (seis) alunos, da zona rural, não só conseguiram acompanhar o ensino online, como terminaram no tempo regular junto com a turma. Foi possível observar em conversas com os 4(quatro) participantes da roda de conversa, que dois deles deixaram disciplinas a cursar no retorno ao presencial, pois, preferiram fazer a parte teórica e a prática juntas, os outros dois mesmo com a possibilidade de não cursar a prática a fizeram nas aulas especiais para eles ou junto a outras turmas.

Encontramos os alunos que trancaram ou mesmo desistiram, conversando para conhecimento, com os 6 (seis), seguindo os dados apurados em documentos *online* na secretária, observamos que retornaram, mas se encontravam em turmas e etapas diferentes,

como aconteceu com os dois que participaram das entrevistas. A moça de dezoito anos se encontrava no segundo ano, havia parado quando observou que não conseguia acompanhar as aulas online. Fez o primeiro novamente no retorno em 2022 e a encontramos cursando o segundo ano em 2023, conforme disse com muita dificuldade, já que se encontrava em tratamento para depressão e afirmou haver sido atendida pela psicóloga do IF, para conversar sobre assuntos pertinentes a educação, já que a mesma só atende para esses assuntos. O rapaz de 20 anos, que contou sua história em entrevista, disse que havia feito o primeiro ano, trancado em 2021, retornou no presencial em 2022 e em 2023 o encontramos cursando o terceiro ano, dava para observar que embora sua residência fosse em São João da Missões, na região norte de Minas Gerais, divisa com a Bahia, ele se encontrava empolgado, otimista, falando sobre a formatura em 2023. Os demais alunos não quiseram participar das entrevistas, dois deles cursavam o primeiro ano e os outros dois cursavam o segundo ano.

Os alunos desistentes, após confirmação e verificação que todos acabaram por desistir, quando usamos o termo desistir, é que foi sem o devido trancamento, foi um abandono, dos 6 (seis), foi possível encontrar nos telefones de acesso, somente 3 (três) deles, uma moça que inicialmente se encontrava em um município goiano, chamado Cristalina, próximo a Brasília, morando com a avó e a mãe que segundo ela moravam em casas distintas no mesmo terreno em um assentamento. Ela relatou que foi difícil demais desistir, mas que não se encontrava em condições materiais e físicas para continuar, a mãe havia contraído matrimônio com um parceiro da sua idade e a volta dela não foi boa, ela se encontrava em depressão, por isso abandonou. Em um segundo telefonema, dois meses depois, já não foi possível contato com ela, a mãe atendeu, informando que o número do telefone agora era dela, que a filha havia ido embora para outro município, também nas proximidades de Brasília, nos passou um número, no qual não conseguimos contato.

Com os dois alunos restantes, foram possíveis 3 (três) contatos telefônicos, um reside no município goiano chamado Silvânia, abandonou e voltou para seu antigo trabalho como tratorista e não pretendia, voltar. O outro encontrado em um município chamado Santa Cruz de Goiás, participando de rodeios, cavalgadas e trabalhando com o pai no sítio, segundo ele havia abandonado, feito um curso rápido do ensino médio e o curso de Biologia online tudo em 3 (três) anos.

Foram feitas tentativas de contato com os seis alunos restantes que desistiram, não retornando no final da pandemia. Eles residem em regiões distantes umas das outras em Goiás e até em outros estados. Conseguimos falar com três desses alunos, que contaram suas

histórias informalmente em conversas por telefone e mensagens, em vários contatos feitos, mas não concordaram em serem entrevistados. Essa parte também foi relatada e faz parte da discussão, constando como dados de conversa informal, na terceira parte.

Conforme o proposto, foram coletados dados dos registros acadêmicos do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, por isso foi possível demonstrar em números a quantidade de alunos que concluíram, os que ainda se encontram cursando e os que evadiram.

A pesquisa foi realizada com quatro alunos que concluíram o curso no tempo certo de integralização deste, que são três anos, esses concordaram em participar, após duas reuniões informais onde foram feitos os convites a seis alunos, com as devidas explicações e esclarecimento das dúvidas e assinatura dos termos, com esse grupo foram feitas três sessões de Rodas de Conversa.

Foram realizadas entrevistas com dois alunos que não conseguiram acompanhar trancaram, desistiram ou reprovaram e ainda se encontram cursando. Como estão em etapas diferentes, optamos pelas entrevistas. Foram realizados contato e convites pessoalmente, sendo que no momento do convite os alunos foram informados do objetivo da pesquisa, somente dois dos seis discentes contactados concordaram em participar desta etapa do trabalho e foram realizadas entrevistas individuais.

Dos seis alunos evadidos conforme registros escolares, conseguimos contato só com três, após três ligações e várias mensagens trocadas via *WhatsApp*, informando sobre o objetivo dos contatos e da pesquisa, esses alunos optaram por não participar, embora tenham relatado informalmente os motivos para evadirem e mudarem seus projetos de vida e o impacto ocasionado pela pandemia da Covid-19, nas suas vidas e na família, que os levaram a buscarem meios de subsistência.

Foi realizada a leitura e apresentação dos termos Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por serem maiores de idade, eles mesmos assinaram os termos. Ao todo foram 12 (doze) alunos selecionados como discentes da zona rural ingressantes no ano de 2020, que estavam cursando séries variadas ou evadiram devido à problemas ocorridos durante a pandemia da Covid-19, Estes foram convocados para a reunião de agendamento das Rodas de Conversa e Entrevistas.

A primeira etapa do trabalho foi um levantamento do número de matrículas efetuadas no ano de 2020, onde foi feito o levantamento nos relatórios de matrículas online, na secretaria do Instituto, onde chegamos aos dados dos 142 alunos. De posse dos nomes e

números de matrículas, fizemos um levantamento através do SUAP, acessando a ficha de cada aluno, a fim de verificar onde residiam, chegando assim aos 18 alunos residentes no meio rural. Ainda nesta etapa observamos os alunos que continuaram estudando durante a pandemia e se encontravam sem atrasos em relação ao ano que cursavam, fazendo também um levantamento dos que se encontravam em anos diferentes, por quais motivos e se abandonaram por um tempo e depois retornaram após a volta ao presencial, observamos ainda como se encontravam os que abandonaram o curso.

Na segunda etapa, foi feita uma reunião com o objetivo de conversar sobre a pesquisa com os alunos, foi uma conversa informativa de como aconteceria a pesquisa e para verificar quem iria participar.

Na terceira etapa fizemos as rodas de conversa, onde quatro alunos participaram sendo um rapaz 1(um) rapaz e 3(três) moças, foram feitos 3(três) encontros, onde as conversas foram gravadas.

Na quarta etapa fizemos entrevistas individuais, com 1(uma) moça e 1(um) rapaz, devido ao fato de estarem em etapas diferentes do curso, as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Na quinta etapa foram feitas as transcrições e análise dos dados e escrita da dissertação, levando-se em consideração as questões éticas, preocupação que acompanhou toda a pesquisa, quer durante o levantamento dos dados, o sigilo com todo material observado, com todas as informações coletadas sobre as causas que levaram as dificuldades encontradas pelos participantes no decorrer do curso, motivos que causaram os atrasos no curso, trancamentos, abandonos.

Para finalizar a pesquisa e encerrar a escrita do trabalho, no final de 2023, foi feita uma nova visita aos arquivos da secretaria e do SUAP, a fim de verificar quem estava concluindo o curso e como estava cada um dos participantes da pesquisa.

Foi dada a oportunidade de manifestação a cada discente, através de conversas por meio das quais foram colocados de forma descontraída todos os questionamentos planejados. Assim, a conversa versou acerca dos temas da pesquisa sobre ensino-aprendizagem, fazendo uma reflexão sobre o efeito da pandemia sobre os projetos de vida dos jovens participantes. Sendo realizados os registros por meio de gravação de voz e as falas foram transcritas integralmente para realização da análise do discurso, sendo utilizadas temáticas e perguntas sobre a realidade dos jovens rurais; a escola antes e depois da pandemia; a situação deles durante a pandemia nos temas trabalho, estudo, lazer e projetos de vida.

Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise do Discurso, em que os principais pontos relatados pelos discentes acerca dos efeitos da pandemia do Covid-19 sobre os projetos de vida destes jovens foram levados em consideração. Segundo (Morais; Galiuzzi, 2006), a técnica da Análise do Discurso pode ser utilizada como ferramenta analítica de dados coletados tanto os diretos da secretaria, como nas Rodas de Conversa e Entrevistas, possibilitando neste trabalho, através das análises feitas de partes do discurso dos alunos, buscar a compreensão do que foi o momento da pandemia para eles.

A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso. Existem inúmeras abordagens entre estes dois polos, que se apoiam de um lado na interpretação do significado atribuído pelo autor e de outro nas condições de produção de um determinado texto (Moraes; Galazzi, 2006, p. 118).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e foram seguidas todas as normas institucionais necessárias à sua execução. Os participantes da pesquisa eram todos maiores de idade portanto, assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e, também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a publicação dos dados obtidos.

Foi um trabalho empolgante, instigante, à medida que fomos conhecendo as histórias de vida desses jovens, suas lutas, seu planejar e replanejar diante de um momento como a pandemia. Vê-los tão jovens tentando se adaptarem, refazerem seus itinerários, seus sonhos e os seus projetos de vida e ao mesmo tempo tendo que pensar, planejar a curto prazo para contribuírem com as famílias em um momento tão desafiador e imprevisível. Observar ainda o esforço em se adaptarem novamente ao espaço escolar e aos estudos no retorno ao presencial, para os que retornaram e a luta dos que desistiram para encontrar seu espaço, para recomeçar no retorno para casa e para suas antigas ocupações.

Mário Quintana em um trecho de seu poema: “O Adolescente”, retrata bem esse recomeço, quando fala que “A vida é nova..., observar esse recomeço dos jovens, mostrou exatamente uma nova vida com novos objetivos, projetos e sonhos. “Adolescente, Olha! A vida é nova... A vida é nova e anda nua - Vestida apenas com o teu desejo!” (Quintana, 2005, p. 20).

CAPÍTULO I: A PANDEMIA DA COVID-19 - UM CONTEXTO COMPLEXO

1.1 A Pandemia da Covid-19

As crises sanitárias atingiram o planeta em diferentes momentos da história, sendo que foram as condições sanitárias, assim como o desconhecimento populacional em torno das etiologias das doenças que possibilitaram que epidemias assolassem o mundo no passado. As doenças afetam a vida das pessoas e geram consequências sociais, econômicas, políticas e sanitárias, influenciando a vida humana de forma diferenciada em cada aspecto e como não poderia deixar de ser, causando danos e dificuldades na educação oferecida no momento em que acontecem e até mesmo com reflexos ao longo do tempo no pós pandemia.

Uma pandemia é capaz de trazer modificações na dinâmica socioeconômica de um país (Araújo, 2022). Em meio a tantos desrespeitos com o planeta, em especial com o meio ambiente, sempre chega o momento que ele cobra seu preço. Isso vem acontecendo ao longo da história após cada guerra e com a destruição em massa do meio ambiente. O ser humano se esquece que por mais evoluído que se considere em todos os aspectos científicos, ele faz parte desse ecossistema, a cobrança o atingirá, de uma forma ou de outra, quer através de elementos essenciais como o hídrico, quer através das doenças provocadas pelo processo de exclusão de outros seres humanos, vivendo na mais extrema pobreza, e ainda através da poluição do solo, da água e do ar.

Na grande maioria das vezes, a conta chega por meio de doenças e, por mais que se imagine o mundo como grande, ela se alastra, atingindo todo o planeta e são sempre tragédias anunciadas que realmente se transformaram em pandemias. Elas chegam cobrando seu preço e alterando o modo de vida de todos no planeta.

Alterações no modo de vida e funcionamento da sociedade foram adotadas como tentativas de conter a disseminação do vírus, como o distanciamento, isolamento social e a quarentena, bem como o bloqueio desse sistema teve suas consequências diretas e indiretas nos diversos setores sociais, como o econômico e o ambiental (Souza, 2020, p. 69).

A pandemia surgiu como uma tragédia anunciada, sem que a população desse muito crédito, como vem acontecendo sempre em relação aos estudos científicos. Muito desse descrédito se deve ao incentivo por parte das autoridades políticas do país. Como não poderia deixar de ser, a pandemia modificou, assustou e alterou o modo de vida da população a nível

planetário, ceifando vidas, mudando as formas de se relacionarem e até mesmo as estruturas sociais e familiares.

Com o avanço da pandemia de Covid-19, segundo orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e demais autoridades sanitárias, foi estabelecida a paralisação de todas as atividades sociais, dentre elas, as educacionais, com a finalidade de se manter o distanciamento social como medida preventiva para se evitar a transmissão do vírus, para o qual não havia tratamento.

Desde o início da pandemia em março de 2020, o mundo foi tomado de surpresa com uma emergência de saúde pública de proporções globais sem precedentes. O isolamento social se tornou uma das principais medidas adotadas para tentar conter a disseminação do vírus, que se espalhava rapidamente pela Europa e causava efeitos drásticos na população. A Organização Mundial da Saúde declarou a covid-19 uma pandemia em 11 de março de 2020, alertando a todos sobre a gravidade da situação e a necessidade de medidas imediatas para proteger a saúde pública. Era inevitável que o vírus chegasse ao Brasil, exigindo do Estado a implementação de medidas de contenção e segurança para minimizar seus efeitos devastadores (Araújo, 2022, p. 2).

Em muitos casos, houve no Brasil, a falta de coordenação entre governos estaduais e o governo federal, o que ocasionou dificuldades no combate a pandemia e as disputas políticas geraram notícias falsas, acusações e poucas ações efetivas, resultando na morte de milhares de pessoas em todo o país. Foi apenas com o Decreto Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que as primeiras medidas de combate ao coronavírus foram tomadas.

A Covid-19 é uma doença infectocontagiosa que é causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) (Brito *et al.*, 2020). Segundo os autores este vírus tem grande poder de disseminação, especialmente aquelas que estão mais próximas do infectado, como os familiares e houve vários casos de pessoas da mesma família que acabaram morrendo.

A pandemia de Covid-19 assolou o mundo e tornou-se um dos mais graves problemas de saúde pública já enfrentados. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que o primeiro caso da doença surgiu em Wuhan, na China, e foi, inicialmente, tratada como uma pneumonia causada por um agente até então desconhecido. Foi apenas em 7 de janeiro de 2020, que os cientistas conseguiram fazer o sequenciamento genético do vírus, mas nesse momento, os casos da doença já haviam se espalhado rapidamente por todo o mundo, até que foi decretada a pandemia.

Em consequência do grande poder de contaminação da doença, todo o mundo teve que investir em isolamento social, de forma a evitar um maior número de pessoas contaminadas e

um maior colapso nos sistemas de saúde. Acreditava-se que assim seria possível controlar a disseminação da doença, porém trouxe outros tipos de consequências para todo o mundo. Segundo Grimley, Cornish e Stylianou (2023) a Covid-19 foi registrada em mais de 180 países, tendo matado mais de 15 milhões de pessoas, com mais de 600 milhões de infectados.

As medidas de combate a progressão da doença foram tomadas de formas diferenciadas em cada país.

Atualmente, pesquisadores e profissionais da área da saúde estão em um constante desafio conforme o avanço no número de casos de COVID-19, pois a doença ainda não possui o risco clínico totalmente definido, como também não se conhece com exatidão o padrão de transmissibilidade, infectividade, letalidade e mortalidade (Pereira *et al.*, 2020, p. 4).

O distanciamento social foi uma das mais importantes estratégias de enfrentamento a pandemia. Inicialmente acreditava que com o menor contato entre as pessoas, a possibilidade de propagação da infecção seria menor, e o colapso na saúde poderia ser amenizado, tendo em vista que, mesmo os países mais desenvolvidos não estavam preparados para o gigantesco número de pessoas doentes.

De acordo com Brito *et al.* (2020), não foram apenas milhões de pessoas mortas em todo o mundo, mas a rotina de todos modificou-se de maneira vertiginosa, afetando áreas como trabalho, educação, lazer e todos precisaram adaptar-se para enfrentar a doença e evitar que ela se proliferasse ainda mais. Oliveira e Vieira Filho (2019) considera que isolar as pessoas trouxe consequências variadas no mundo do trabalho.

Lima, Buss e Sousa (2020, p. 1) afirmam que a pandemia de Covid-19 deixou clara a profunda mudança nas relações entre espaço, tempo e doenças infecciosas. Percebeu-se que o mundo estava mais vulnerável à ocorrência e à disseminação global, tanto de doenças conhecidas, como novas.

No dia 5 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à Covid-19. Após quase 3 anos de pandemia, o mundo havia conseguido controlar a doença, havendo queda no número de mortes, declínio das hospitalizações e internações em unidades de terapia intensiva e a população ganhava maior imunidade ao SARS-CoV-2. Foram cerca de 692 milhões de pessoas infectadas com mais de 20 milhões de pessoas mortas (UNA-SUS, 2023).

Frente a tantos acontecimentos não restam dúvidas de que a área educacional foi uma das mais afetadas pela pandemia, isto porque a necessidade de isolamento social modificou totalmente a forma de se ensinar e aprender, gerando novas dificuldades, atrasos e a

necessidade de adaptação dos discentes e dos profissionais para que a educação pudesse continuar.

1.2 A Pandemia da Covid-19 e a Educação Brasileira

Historicamente, a educação escolar ocorre na sala de aula, sendo que tal ambiente é construído e planejado para dar origem a um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, no qual os professores possam colocar em prática, as propostas pedagógicas inovadoras e contextualizadas, baseando-se nas propostas existentes na educação, nas necessidades dos alunos e na realidade do meio em que vivem. Para Santos e Fernandes Neto (2021, p. 1) “em todo o mundo foram feitos esforços para a mudança do ensino aprendizagem, que parecem não obter bons resultados, porque a escola ainda é muito parecida com a que se tinha vinte anos atrás”.

Com a pandemia da Covid-19 foi preciso buscar maneiras para que a educação continuasse a acontecer, mesmo que os alunos não pudessem ir para a escola, precisando resguardar-se a si e suas famílias, bem como aos profissionais que estavam na escola. Modificando a maneira como as pessoas comunicavam-se, trabalhavam, estudavam etc. A pandemia da Covid-19 afetou todo o mundo e segundo Silva e Silva (2020), a educação, também, precisou passar por mudanças, adaptando-se as necessidades sociais, respeitando o direito à educação dos alunos.

Em março de 2020, foram suspensas as aulas presenciais nas escolas brasileiras, assim como definido pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC). Como consequência, as instituições de ensino tiveram que passar a utilizar plataformas digitais para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem.

Com o advento da pandemia do Covid-19, a educação precisou retomar suas atividades aderindo um novo modelo, denominado ensino remoto. As salas de aulas passaram a ocupar um novo tipo de espaço tendo em vista as peculiaridades desta atividade (Silva; Silva, 2020, p. 58).

Modificou-se a prática docente, e os professores precisaram enfrentar o desafio de ensinar de forma virtual, mediante o contato constante com diferentes ferramentas tecnológicas e necessitando incentivar os alunos nesse novo formato de aulas, tendo em vista que muitos deles, também, não tinham acesso as tecnologias nem grande familiaridade com elas. Tudo o que anteriormente eram realizadas de forma presencial, agora ganhavam novos formatos, até mesmo podemos citar os processos de planejamento, registros em diários, reuniões pedagógicas e avaliações.

Segundo Santos e Fernandes Neto (2021) além de fazer com que houvesse a necessidade do isolamento social, a pandemia modificou as rotinas presentes no processo de ensino-aprendizagem, levando as instituições de ensino a vivenciarem uma nova realidade e com muitos desafios. Para Bozkurt e Sharma (2020), estudantes de todo o país foram afetados pela necessidade do ensino remoto e as Secretarias Municipais de Educação precisaram desenvolver planos de contingenciamento para dar continuidade ao ano letivo, surgiram assim novas formas de ensino e novas formas de aprendizagem.

O Conselho Nacional de Educação através do Parecer nº 11/2020, aprovado em 7 de julho de 2020, propôs-se a discutir orientações educacionais destinadas a organização das atividades pedagógicas que precisavam ser realizadas de forma presencial ou não presencial durante a pandemia, e o atendimento remoto passou a ser debatido.

As diferenças no aprendizado entre os alunos que têm maiores possibilidades de apoio dos pais; as desigualdades entre as diferentes redes e escolas de apoiar remotamente a aprendizagem de seus alunos; as diferenças observadas entre os alunos de uma mesma escola em sua resiliência, motivação e habilidades para aprender de forma autônoma online ou off-line; as diferenças entre os sistemas de ensino em sua capacidade de implementar respostas educacionais eficazes; e, as diferenças entre os alunos que têm acesso ou não à internet e/ou aqueles que não têm oportunidades de acesso às atividades síncronas ou assíncronas (Brasil, 2020, p. 3).

Tudo isso afetou não apenas a vida dos alunos, mas também dos professores, porque nem todos eles estavam habilitados a ministrar aulas online ou a ter grande contato com as tecnologias, que se faziam necessárias naquele momento (Silva; Silva, 2020). As tecnologias tornaram-se mais necessárias diante da impossibilidade do ensino presencial, contudo não são todas as instituições que possuíam a mesma infraestrutura, os profissionais não sabiam lidar com as tecnologias da mesma forma, assim como havia profunda dificuldade em muitos alunos, tanto no uso da tecnologia, como de serem educados longe da figura do professor, principalmente em famílias onde os pais tinham pouca ou nenhuma escolaridade e não poderiam auxiliá-los.

Com a pandemia, a educação viu-se diante de novos desafios, porém, aqueles problemas que já existiam na educação continuavam a existir e todos eles precisam ser superados. Essas demandas demonstraram a necessidade de atualização dos métodos de ensino e aprendizagem, de forma que o período de isolamento social possibilitasse a melhor aprendizagem possível, através de novas ações pedagógicas que permitissem a continuação do aprendizado pelos alunos.

Cumpra destacar também a importância da formação de professores para o uso de novas tecnologias, [...] viabilizar o acesso à internet gratuita [...] Não há como negar a importância do acesso às tecnologias existentes [...], para assegurar maior equidade na formação integral de todas as crianças e jovens para o enfrentamento dos desafios do nosso século (Brasil, 2020, p. 27).

Segundo Silva e Silva (2020) a pandemia atingiu todo o mundo, gerando situações atípicas e a educação escolar foi uma das áreas que mais sofreram, em especial os jovens que se viram diante de tantas situações novas, traumáticas e impactantes, tudo mudou nas suas vidas e de forma muito rápida, sem tempo para adaptações. Como se tudo isso não fosse o bastante ainda teriam que continuar os estudos, só que de uma forma um tanto diferente, solitária e na grande maioria dos jovens, sem ter a quem recorrer, já que na família não tinham tais conhecimentos e pelo virtual era complicado. De acordo com os autores:

Uma das grandes preocupações desse momento é a educação, preocupa-nos como vai ser a situação do processo de ensino-aprendizagem, as relações sociais pós pandemia, o desenvolvimento dos alunos, entre outras coisas. Uma alternativa adotada por instituições públicas e privadas em nosso país é o ensino por meio de plataformas virtuais, denominado por muitos como aulas remotas, utilizando-se de tecnologias para promover o ensino e seguir com os calendários de atividades letivas (Silva; Silva, 2020, p. 1).

Promover uma educação em tempos de pandemia não foi fácil, porque foi necessário buscar possibilitar que os alunos continuassem a estudar, a se desenvolver e a aprender, mesmo que de forma isolada, em suas casas. Assim, planos e projetos de vida foram modificados, seja na zona urbana ou rural, e o fato das pessoas precisarem pensar suas vidas, agiu diretamente sobre os jovens das propriedades rurais, onde tiveram que optar por trabalhar e estudar, ou só tiveram uma opção, o trabalho.

Realmente foram várias alterações presenciadas no decorrer da pandemia e no retorno ao presencial, onde vários foram os motivos para que a vida de todos no Instituto sofresse modificações, com os alunos essas alterações acontecem muito, já que seu tempo de curso passa rápido e a cada dia, mês, ano as mudanças são muito perceptíveis, mas no contexto da pandemia pareceu tudo ainda mais rápido. Muitos alunos começaram no presencial e encerraram online, outros iniciaram online e terminaram presencial.

A turma, foco da pesquisa, começou o curso presencial, após um mês alterou para o online e fizeram o último ano, presencial. As vidas de todos eles foram completamente alterados, cada ser humano encara os fatos do seu jeito, reorganiza a vida do seu modo, levando para caminhos tão diversos, cada um dos 18 alunos pesquisados, teve sua história modificada e sua conclusão no Instituto aconteceu de forma única, exclusiva.

1.3 O IF Goiano - Campus Urutaí no Contexto da Pandemia da Covid-19

Atualmente, o IF Goiano - Campus Urutaí oferece 12 (doze) cursos superiores entre bacharelados e licenciaturas. No Ensino Médio e Técnico oferta cursos nas modalidades: integrado ao ensino médio, concomitante e subsequente. São ofertados também cursos de pós-graduação, mestrados profissionais dentro da Instituição e em convênios com outras instituições (If Goiano, 2023).

Dentro do universo educacional o IF Goiano - Campus Urutaí conta com um corpo discente composto por alunos de várias cidades circunvizinhas e até mesmo de outros estados pela comodidade do Instituto em ofertar alojamentos masculinos e femininos, para menores e maiores de idade, por isso os alunos residentes contavam quase 500 alunos no início da pandemia de Covid-19.

Muita coisa mudou nesse cenário com o surgimento da pandemia da Covid-19 e com a necessidade de conter a propagação do vírus foi decretada a paralisação. Após várias prorrogações, a paralisação chegou há quase dois anos. A demora se deu em parte pelo grande compromisso da Instituição com os alunos, especialmente os residentes, dadas as dificuldades de se manter o distanciamento social e todas as demais medidas de segurança necessárias para conter a disseminação do vírus dentro da Instituição.

A sala de aula foi trocada pela tela do computador, a convivência diária com várias pessoas pela restrita ao núcleo familiar, ainda mais para os alunos residentes nas zonas rurais. A troca da aprendizagem relacional, pela aprendizagem à distância com acesso mais direto somente ao professor e quando absolutamente necessário.

Dessa forma, o projeto individual nunca é puro, mas existe referido ao outro, ao social, principalmente à família e às relações de parentescos, mas também nas relações e experiências de contato com o mundo do trabalho, da educação formal e de exploração/ampliação das próprias habilidades e capacidades nos processos de formação, aprendizagem e de reconhecimento do mundo (Pereira; Souza, 2020, p. 5).

Levando-se em consideração a citação acima, dentro uma unidade educacional que trabalha com esse público específico, sabendo a importância das interações sociais e do convívio dos adolescentes, das conversas, debates, discussões tanto com colegas quanto com

professores e com o mundo da escola. Dentro das experiências e da convivência os jovens vão vendo, observando e elaborando os seus projetos de vida, profissão e futuro. Foi possível observar o impacto da pandemia na vida desses jovens, os problemas ocasionados para a turma durante esses três anos do Ensino Médio, sendo dois exclusivamente online.

Por várias questões, como a dificuldade de acesso às aulas remotas, pela ausência ou dificuldades de conectividade, pela sensação de isolamento e distanciamento do meio escolar, por não conseguirem compreender o que estudavam e ninguém de suas relações que conseguissem assessorá-los, pela necessidade de trabalhar. Tudo isso geraram sérios problemas, frutos das desigualdades sociais que muito contribuíram na pandemia e continua contribuindo com as dificuldades dos jovens que se afastaram da escola para ajudar nas atividades da lida rural. São essas atividades importantes que geram a renda familiar, em muitos casos esses jovens desistiram para trabalhar e ganhar dinheiro para contribuir com as despesas familiares. Muitos optaram por desistir ou trancar o curso diante muitas vezes da impossibilidade de conseguir lidar com tantas responsabilidades.

Diante disso, observa-se a importância das relações e do meio social na elaboração do projeto de vida dos jovens. Observa-se assim a importância que eles dão ao meio escolar, especialmente aos professores, colegas e às diversas atividades formativas que o meio proporciona, agregando conhecimentos e experiências.

Analisando ainda a importância das vivências e experiências que o Ensino Médio traz, o foco e a atenção deste estudo foi sobre a importância da convivência que esses jovens foram privados na pandemia, esse fato nos direciona o olhar de forma especial para os jovens da zona rural, que muitas vezes, mesmo em tempos normais, sem o isolamento social como na pandemia, se sentem isolados pelo próprio contexto da realidade dura da vida em áreas rurais.

Sendo este capital social uma espécie de mobilizador de trocas simbólicas, é a energia relacional necessária para que acordos sejam firmados, elos estabelecidos, grupos concatenados, a reciprocidade, as trocas e a informação construída (Marteleto; Pimenta, 2017, p. 204).

No Instituto Federal, onde o Ensino Médio é integrado ao de Agropecuária, observamos que esses alunos buscam este curso muito pela vivência acadêmica a ser adquirida e por se identificarem com a similaridade do curso com a realidade tão conhecida e pela oportunidade de inserção no mundo profissional que desejam.

Muitos desses jovens têm como sua moradia a zona rural, ou a tem como meio de trabalho e subsistência da família, onde desde muito jovem eles se inserem nos afazeres. Os

jovens chegam ao curso trazendo a experiência da lida rural, grandes expectativas e especial interesse pelas aulas práticas que fazem parte da carga horária do curso.

O problema investigado tem a ver com os dizeres de Velho (1994), sobre a necessidade que os homens têm da interação social e que a sua ausência causa impactos e mudanças nos projetos de vida. Observamos as angústias e incertezas vivenciadas por esses adolescentes, distantes de um dos seus principais meios sociais, a escola que traz tantas atividades e vivências gerando uma sensação de bem-estar e pertencimento ainda mais nesse momento da juventude que por si só já é de muitas incertezas.

A viabilidade da pesquisa foi em registrar os fatos reais, concretos, que aconteceram aos jovens rurais matriculados no ano de 2020 no Curso de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do campus Urutaí/GO, que cursaram entre os anos de 2020 a 2022, esses jovens sofreram os efeitos da pandemia e estes fatos foram devidamente comprovados com estudos, na sequência cronológica, por meio dos instrumentos descritos na metodologia.

Observamos como foram os direcionamentos dos jovens e de suas famílias, as adequações quanto aos seus projetos para o momento, os que tiveram que abandonar ou adiar os estudos e projetos devido aos contratempos da pandemia de Covid19. Analisamos ainda como foi para os alunos o isolamento social, o fechamento do Instituto e o ensino remoto para os que tiveram acesso e optaram por ele.

A pandemia foi um fato inédito que afetou vários aspectos da vida do grupo estudado, o modo de educação, as formas de acesso à educação, o modo de vida dos envolvidos e de suas famílias, a luta pela subsistência, os esforços empreendidos para tornar viável a continuação do processo educativo.

A escola e suas atividades rotineiras, tem o poder dar aos jovens uma sensação de pertencimento, de estar em seu lugar, em momento de grandes dúvidas que é a juventude. A escola no momento da Pandemia com certeza teria um papel importante de aliviar as tensões, de fazê-los se sentirem mais seguros e tranquilos, mas não foi o que aconteceu, já que como um local de aglomeração, não seria seguro, sendo um dos primeiros a fechar, deixando para os alunos uma sensação de vazio, de solidão, de insegurança quanto ao futuro sem esse espaço educacional, com todo seu apoio, em um momento da juventude que ele seria de grande importância.

Assim como todos os seres humanos, em princípio, interagem socialmente, participam sempre de um conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados que definem a própria natureza humana (Velho, 1994, p. 63). A viabilidade e importância da pesquisa foi o

de registrar os fatos reais, concretos, que aconteceram aos jovens rurais matriculados no ano de 2020 no Curso de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do campus Urutaí/GO e estavam cursando entre os anos de 2020 a 2022, que sofreram os efeitos do advento da pandemia.

Muitos são os fatores em tempo comum que levam a evasão escolar, em tempos especiais como na pandemia os fatores que levaram ao fenômeno da evasão diversificaram um pouco além dos motivos que normalmente ocorrem. Foi possível observar que a evasão se acentuou e dentre os motivos observados na pesquisa, alguns são semelhantes aos citados pelos pesquisadores abaixo, como dificuldades que levaram os jovens a trancar, desistir.

Os fatores mais associados à evasão são os individuais que compreendem: dificuldades financeiras, afastamento por saúde e novo emprego; insegurança, falta de identificação com a área, falta de flexibilidade de horário no trabalho (Araújo; Lima, 2021, p. 67).

Atualmente, já existem outros estudos comprovando que em outros Institutos a evasão causada pela Pandemia foi bem maior que a acontecida em tempos normais. Hoje sabemos que se os jovens rurais já têm seus desafios para saírem das suas casas quer indo e voltando, quer para morar em tempos normais, os desafios dos pós pandemia foram maiores, levando alunos da nossa pesquisa a não conseguirem retornar.

CAPÍTULO II: O PROJETO DE VIDA, DOS JOVENS RURAIS E SEUS DESAFIOS

2.1 Projeto de Vida e suas Definições

As discussões em torno do projeto de vida são recorrentes em diferentes áreas sociais, inclusive, na área científica, onde vários pesquisadores têm dedicado sua atenção para compreender o que são esses projetos e como eles são influenciados por diferentes fatores no cotidiano das pessoas. De acordo com Klein e Arantes (2016), a possibilidade de escolha é o que associa cada existência individual a um projeto de vida, e que direciona as ações humanas. Os autores citam que o projeto é algo próximo da vocação, uma espécie de chamado que faz com que uma pessoa seja atraída para determinada direção, o que irá influenciar suas características individuais e únicas.

O conceito de projeto de vida é multidisciplinar, aplicando-se tanto a condutas individuais quanto coletivas (Boutinet, 2002). Sobre a origem do termo, o autor afirma que ele teria surgido por volta do século XV, porém apenas após o século XVII é que passou a ser visto como na atualidade. Acredita-se que tanto o projeto como o processo, sejam elementos-chave para que uma nova sociedade seja construída e com isto, o século XX trouxe a valorização das produções filosóficas e as discussões em torno dos projetos de vida.

A circunstância existe e são várias as possibilidades de escolha de uma pessoa, baseando-se em sua liberdade, e a opção escolhida é aquela que tem maior ligação com o projeto de vida escolhido pelo indivíduo. No caso específico da escola, é um local que se apresenta aos jovens como um meio para que alcancem maiores possibilidades em suas vidas, abrindo um maior leque de opções a serem seguidas.

Oliveira e Vieira Filho (2019) consideram que o conceito de projeto de vida não é um fenômeno natural carregado de forma espontânea pelos indivíduos. Ele é construído a partir de um padrão cultural que passou a vigorar de forma recente na sociedade e que tem ligação com a expectativa de vida das pessoas. Assim sendo,

Partindo deste pressuposto, o termo projetos de vida se configura como uma construção social que atende a uma necessidade circunscrita a um modelo de sociedade, em que os indivíduos podem ter acesso ou não a esta concepção de organização de suas existências (Oliveira; Vieira Filho, 2019, p. 89).

Ao passo que a sociedade se modifica as pessoas, a formação de sujeitos também acaba sendo modificada e as pessoas têm ou não, acesso a como é possível construir, moldar ou melhorar seus planos existenciais. Surgiu assim, um maior interesse no desenvolvimento

de projetos de vida das pessoas, de forma a torná-las cidadãs mais conscientes e participativas no meio. Tal interesse passou a fazer parte das instituições de ensino, especialmente, no Ensino Médio, onde a juventude precisa aprender a construir escolhas de qualidade e definir sua trajetória de vida.

Há diferentes concepções sobre o projeto de vida que se consolidam na visão socioantropológica, fazendo com que sejam vistos como algo que vai além de um ideal previamente traçado, como uma meta ou como resultado de ações tomadas durante a vida. O projeto de vida é influenciado por valores, espaços, instituições, enfim, por tudo aquilo que oferece suporte para que as pessoas possam fazer escolhas e ter diferentes tipos de condutas, isto é, que lhe dão diferentes tipos de possibilidades (Velho, 2003).

Na base, a tríade formação acadêmica de excelência, formação para a vida e formação para o desenvolvimento das competências do século XXI, o projeto de vida é tratado como uma metodologia necessária, para que a educação atinja seus resultados e deve ser alvo do esforço de toda a equipe escolar. Assim, define-se que o projeto de vida seja um componente curricular que garanta:

Tempo para o seu desenvolvimento e deve ser acompanhado de material específico para o trabalho em sala de aula, que pode ser adaptado a partir da realidade local, como autoconhecimento, construção do sujeito e discussão sobre sonhos. Esta opção assegura um momento específico para a discussão e aprofundamento no tema, além de possibilitar formação aos profissionais envolvidos. É importante que o projeto de vida, apesar de trabalhado em componente curricular, seja compartilhado com todos da escola de modo que seja possível alinhar o trabalho em torno dos temas desenvolvidos (Brasil, 2020, p. 9).

Isto quer dizer, que a escola que tem como base os projetos de vida busca valorizar o meio em que o aluno vive, seus sonhos e metas, tornando-o mais ativo dentro da aquisição e produção do conhecimento, pois eles o auxiliarão a atingir os objetivos que possuem em sua vida. Assim, define-se, também, o projeto de vida como um princípio pedagógico que para ser colocado em prática exige

[...] forte articulação de toda a equipe escolar, de modo que as temáticas que compõem o percurso formativo sejam trabalhadas por todos e façam parte do planejamento das práticas da escola. É preciso ter atenção para garantir o alinhamento da equipe. Esta opção perpassa todas as ações da escola e não exige a formação docente específica em Projeto de Vida. Neste caso, a prática docente se organiza a partir de temas inerentes ao Projeto de Vida de forma que o estudante esteja desenvolvendo o seu projeto de vida a todo momento (Brasil, 2020, p. 10).

A partir de tais definições, a existência da proposta do projeto de vida na escola deixa claro que é preciso produzir mudanças no espaço escolar, tanto no que se refere ao trabalho

docente, como também, no comportamento dos jovens, pois se espera que sejam pessoas mais ativas dentro e fora do ambiente escolar. Assim, pergunta-se “por que trabalhar com projetos de vida no espaço escolar?” e de acordo com Brasil (2020, p. 6) “o projeto de vida traz sentido para a escola, uma vez que o jovem passa a ver o ambiente escolar como um impulsionador dos seus sonhos e desejos, podendo reduzir índices de abandono e evasão escolares”, isto porque a escola passa a estar mais próxima da realidade, assim como dos objetivos de vida estabelecidos pelo aluno.

A preocupação com uma escola que ofereça ao aluno reais condições de colocar em prática seus sonhos e desejos fez com que o projeto de vida estivesse presente nos três anos do ensino médio, com carga horária semanal podendo variar de 2 (duas) a 6 (seis) horas, de acordo com a definição de cada secretaria estadual.

O meio em que o indivíduo vive, as experiências e interações por ele desenvolvidas, que farão com que haja fontes diferenciadas para projetos de vida, e para isto, é preciso que o sujeito identifique suas metas e dê as mesmas um significado capaz de guiar suas ações, fazendo com que ele se torne alguém comprometido com tais objetivos e com as ações necessárias para alcançá-los.

Possuir um projeto de vida é algo necessário ao ser humano, para que ele consiga assim, alcançar sua satisfação pessoal e possa participar de forma mais ativa da sociedade, podendo transformar o meio em que vive. Esse processo leva o indivíduo ao reconhecimento de sua importância social, a se ver como alguém que pode melhorar não apenas sua vida, mas daqueles que o cercam, dando sentido e satisfação a sua vida e fazendo com que projetos individuais se imiscuem com projetos coletivos. Um projeto de vida é visto como a realização da vocação do indivíduo, imiscuem uma espécie de chamamento que envolve seus aspectos individuais e sociais, e que reúne aspirações individuais com os interesses coletivos (Machado, 2006).

O projeto de vida a partir de uma vertente psicológica envolve um sujeito que é detentor de uma personalidade interna, porém que também é um sujeito social. Alguém que precisa cumprir diferentes papéis dentro da sociedade submete-se a normas e tradições culturais variadas. Shibuya (2012) assevera que o sujeito possui uma relação afetiva com o mundo que o cerca e por isto, o projeto de vida tem uma dimensão muito maior que a profissional.

Cabe-nos refletir acerca do que denominamos de projetos de vida. Aqui tem um sentido mais abrangente, não diz respeito apenas a uma dimensão profissional, mas à inclusão do sujeito no universo de relações sociais e afetivas com vistas à implementação de perspectivas para uma vida adulta (Shibuya, 2012, p. 84).

Assim, especifica-se o projeto de vida para o jovem como algo que envolve mais do que a dimensão profissional, mas seu crescimento dentro da sociedade, a possibilidade de ousar, de ir além do meio em que vive, produzindo mudanças, deixando uma marca pessoal dentro dessa sociedade.

Quando se fala em projetos de vida para jovens, o assunto ganha relevância, já que são pessoas em contínuo processo de construção de si e que buscam caminhos para colocar seus projetos em prática. Assim, define-se o projeto de vida como eixos orientadores que significam uma visão de futuro, a partir daqui e do agora de perspectivas, planos, anseios a respeito de trabalho, profissão, vida familiar e desejos relevantes que conferem sentido de vida para uma pessoa (Furlani; Bomfim, 2010, p. 10).

2.2 A Juventude e Projetos de Vida Dos Jovens Rurais

Os projetos de vida existem em qualquer momento da vida humana, porém, na juventude é uma fase em que os projetos se fazem ainda mais presentes, visto que, é o momento de escolhas que influenciarão a vida adulta, especialmente quando se fala em profissões. É o indivíduo se preparando para viver socialmente diante dos papéis destinados a vida adulta, dentro do ambiente familiar, social e nos diferentes papéis profissionais.

A juventude é um período de intensa preparação e formação para a vida adulta, onde o indivíduo ganha diferentes tipos de responsabilidades, sendo considerado, também, como um período transitório. Mesmo diante do caráter biológico, a juventude define-se também por seu caráter cultural, assim sendo:

Ainda que os processos biológicos básicos de maturação sejam, provavelmente, semelhantes em todas as sociedades humanas, a definição cultural de juventude varia de uma sociedade para outra, com delimitações variáveis das idades e das diferenças entre elas. A etnografia mostra que todas as sociedades organizam divisões etárias, mas o fazem de forma própria, entendendo, com isso, que a idade não é um dado da natureza, nem fator explicativo dos comportamentos humanos. A importância da idade como critério para atribuição de papéis em uma sociedade está intimamente relacionada a diversos aspectos fundamentais da organização social e da orientação cultural (Klein; Arantes, 2016, p. 139).

Quando se fala nos jovens da sociedade atual, eles vivenciam uma realidade diferenciada de décadas atrás, pois nada é pré-determinado. De forma tradicional, a lógica seguida por jovens quando chegam a vida adulta seria sair da casa dos pais, casar-se, adentrar

ao mercado de trabalho e tornar-se independente diante de todas as responsabilidades da vida adulta.

Esse processo de transição foi comum para a maioria dos jovens do final do século XX até os anos de 1970, porém as várias mudanças que atingiram a sociedade fizeram com que elas não mais ocorressem de forma linear e não é possível prever, em que, idades tais mudanças irão acontecer. Além das delimitações etárias e das várias transformações biológicas que atingem os indivíduos, conforme descreve Pereira (2004), estes são influenciados por expectativas e fatores diferenciados que fazem com que o futuro e a identidade dos jovens e de juventude seja algo incerto.

Os jovens passam assim a ser vinculados às suas experiências concretas de vida e adjetivados de acordo como lugar que ocupam na sociedade. Não se fala em juventude em abstrato, como uma espécie de energia potencial de mudanças, ainda que culturalmente construída, mas em múltiplas identidades que recortam a juventude (Pereira, 2004, p. 16).

É possível observar que, apenas o quesito escolarização já não é mais capaz de possibilitar a entrada dos jovens no mercado de trabalho, mesmo que seja um dos caminhos que facilitam esse processo (Sposito, 2005). As experiências escolares precisam ser articuladas com os projetos de vida dos jovens, em que, a justificativa dos conteúdos disciplinares a serem estudados deve fundar-se em elementos mais significativos para os estudantes e nada é mais adequado para isso do que a referência aos projetos de vida de cada um deles (Machado, 2006, p. 29).

O jovem se constrói a partir das várias relações socioculturais e econômicas que agem sobre sua trajetória de vida e que influencia seus projetos. A construção do projeto de vida que possibilita ao jovem colocar, interpretar e projetar-se no presente, como forma de modificar seu futuro, de ter experiências e vivências dentro do seu contexto social que o auxiliem a ter outras perspectivas de vida (Anjos, 2017). O projeto de vida irá basear-se na relação que o indivíduo estabelece com o mundo real.

Diante disso, os projetos de vida podem variar de um local para o outro, de uma pessoa para outra e o que demonstra que projetos de vida para jovens que vivem no meio rural devem possuir particularidades deste meio. Esses jovens, assim como os que vivem na cidade alimentam-se de projetos de vida, o que faz com que sejam capazes de fugir do determinismo, assim como de improvisos, organizando e planejando suas ações futuras. Tal processo não é linear, onde há diferentes projetos que ocorrem de forma simultânea, em idas e voltas, avaliações e reavaliações das ações.

E, no caso da juventude rural, esta deve ser compreendida na sua dupla dinâmica social, tendo em vista se tratar de uma categoria que está inserida numa dinâmica territorial que envolve a casa (relações familiares), a vizinhança (relações de comunidade) e a cidade (relações com o mundo urbanoindustrial), assim como a dinâmica temporal, marcada pelas relações com as tradições familiares e de parentesco, e que, por sua vez, orientam suas práticas e estratégias atuais e de futuro (Pereira; Souza, 2018, p. 3).

Quando se fala nos jovens rurais, considera-se que são pessoas que acabam sofrendo representações depreciativas que vinculam o rural a algo atrasado e o comparam negativamente com o meio urbano (Castro, 2009). Essa juventude precisa enfrentar problemas em relação a aceitação como sujeitos que precisam participar da sociedade, da política, tanto dentro de suas famílias, como em grupos sociais mais amplos, além das relações de hierarquia familiar.

Os jovens rurais possuem valores diferenciados daqueles jovens que vivem em ambientes urbanos e seus projetos de vida acabam sendo influenciados por tais valores, sejam os individuais, sejam aqueles que marcam os grupos familiares ou comunidades. Para Machado (2006), não se pode projetar pelos outros, isto é, pais não poderiam projetar pelos filhos, assim como professores não poderiam projetar por seus alunos, porém na realidade, isto acontece muito, especialmente no ambiente rural onde o poder familiar e de sucessão é muito grande entre as famílias.

Alves e Dayrell (2015) fazem uma análise sobre os projetos de vida de jovens que vivem em ambientes rurais, citando que em muitos casos, os projetos são bastante comuns em relação aos tipos de ocupação, como o trabalho na roça ou o trabalho doméstico, assim como profissões como a docência. As experiências prévias vivenciadas no âmbito rural acabam por influenciar os projetos de vida construídos pelos jovens que vivem na zona rural

Um grande número das realizações que concretizam a experiência humana é anteriormente interiorizado, refletido, antecipado e orientado pelo mecanismo do projeto. Este evitará que o indivíduo se deleite na compulsão da repetição, esforçando-se para criar o inédito, um inédito que mantenha um segredo parentesco com a experiência já realizada do indivíduo, com sua história pessoal. É esse parentesco, essa convivência não confessa – porque dificilmente observável – que dará significação ao projeto (Boutinet, 2002, p. 270).

Assim, tais jovens rurais baseiam seus projetos de vida em sua biografia e na história de vida desses sujeitos, contudo não se pode dizer que haja um círculo vicioso que os impeça a sair dessas biografias e alcançar outras experiências. Essa dinâmica tem ligação, também, com a formação da identidade desses jovens, um processo que leva ao amadurecimento da

capacidade de reunir passado, presente e projetar futuro, assim como as condições, tanto subjetivas como objetivas que garantem a continuidade dessa biografia individual. Para Velho (2003, p. 104), este é um processo dinâmico e permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões nas suas identidades.

Os jovens que vivem em ambientes rurais crescem em um contexto marcado pelo êxodo rural, seja para irem estudar ou trabalhar, o que faz com que muitos deles projetem uma possibilidade de deixarem o campo quando terminarem o ensino médio (Alves; Dayrell, 2015).

Primeiro, porque migrar não depende exclusivamente do desejo ou mesmo de viver em um contexto de cultura da migração. Não migra quem quer; migra quem pode, quem reúne as condições (em geral econômicas, mas não só) necessárias para tal. Mesmo para os projetos de migração irregular, em que a condição financeira é um dos aspectos decisivos, o indivíduo precisa reunir disposição pessoal para se submeter a todas as adversidades da empreitada (Alves; Dayrell, 2015, p. 379).

Há ainda no meio rural, aqueles que não projetam seu futuro, devido as condições de vida, por isso acabam sendo obrigados a dedicar todos seus esforços e energias ao presente. Isto também acontece, de acordo com Boutinet (2002), com aqueles grupos tradicionalmente excluídos da sociedade, marginalizados pelo sistema capitalista e cuja precariedade de vida os impedem vislumbrar um futuro, sendo tratados como pessoas sem projeto. Tais jovens não tem um olhar no futuro e demonstram-se desiludidos em relação a qualquer expectativa sobre as suas ações presentes.

No caso específico das meninas que vivem em ambiente rural, Alves e Dayrell (2015) consideram que muitas projetam suas vidas para modificar a realidade vivenciada, visto que não querem reproduzir situações vivenciadas dentro de casa, como o casamento ou a dependência financeira feminina, algo muito comum nos ambientes rurais. Muitas jovens negam a presença do casamento, pois impediria sua autonomia, enquanto outras o projetam para depois da realização profissional.

Menezes, Souza e Pereira (2012) argumentam que os jovens rurais são sujeitos que vivenciam suas vidas no mesmo contexto histórico de outros jovens, com suas próprias particularidades, já que vivem no meio rural conectados ao meio urbano. Esse jovem é visto como aquele que vive no campo, como o filho do agricultor ou pequeno produtor sem-terra. São jovens que se expressam de formas diferenciadas, seja por expressões culturais, musicais, poesias, política, buscando se inserir em espaços diferenciados como a educação, trabalho,

lazer, cultura, tudo com base na identidade do local em que vive, tornando-se atores sociais que buscam o reconhecimento da juventude rural. De acordo com os autores:

Nessa luta por reconhecimento os jovens contam com a ajuda da Pastoral da Juventude Rural, onde a luta circula no acesso à educação, à terra para os jovens rurais, investimentos em escolas e universidades rurais, ajuda de crédito para os jovens investirem em suas atividades agrícolas. A Pastoral da Juventude Rural afirma que com esses investimentos será possível manter a atuação da juventude tanto no campo como nos movimentos sociais direcionados ao campo (Menezes; Souza; Pereira, 2012, p. 4).

Observa-se que os jovens do meio rural estabelecem seus planos de vida diante de um cenário marcado por desenvolvimento tecnológico da área agrícola, porém existe uma grande procura do ambiente urbano para estudos e maior remuneração. Muitos acreditam que, não conseguirão estabilidade financeira no lugar em que vivem e por isto, projetam outras ações e expectativas para fora desse ambiente. Enquanto, outros por sua profunda relação com as pessoas do meio em que vivem, buscam autonomia e capacitação nas atividades que estão presente no seu dia a dia, projetando suas vidas para viver nesses locais, porém de uma forma mais confortável e com maiores perspectivas.

É possível ver no meio agrícola goiano o que interfere nos projetos de vida dos jovens um rompimento de barreiras com o tradicional e o início do interesse na industrialização de produtos nas propriedades. Conforme Carneiro (1998), parece que só hoje estamos vendo, com a expansão exacerbada do Agro na região, o despontar dessas novas ideias no universo dos jovens estudantes, o que parece uma busca de manter certa união com suas raízes, que eles temem perder e unir o uso de produtos produzidos pelos ancestrais, que os alunos falam, pensam e buscam resgatar em uma escala mais industrial, sendo pensada como profissão quando pensam em projetos de vida, portanto, é possível ver o despertar dessas ideias no meio jovem.

Pretende-se discutir até que ponto estamos diante de um processo de construção de novas identidades sociais que não podem ser traduzidas simplesmente pela centralidade na atividade agrícola e nem pelo exercício exclusivo de uma única atividade econômica (Carneiro, 1998, p. 63).

Entre os jovens que saem do meio rural para viver na cidade, a maioria são mulheres, isto porque os homens ainda apresentam maior disposição para o trabalho rural. Tais jovens criticam profundamente a desvalorização, assim como a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar e acreditam que estudar, casar-se ou ter um emprego pode dar a elas maior autonomia e auxiliá-las a sair do meio rural. Essa autonomia que só é obtida com a

saída da casa dos pais, pois o controle sobre elas é exercido enquanto estiverem vivendo com eles. O projeto de vida dessas meninas é marcado pelo investimento na educação, como um meio de prepará-las para o mercado de trabalho.

A realidade acima descrita evidencia uma dualidade dentro dos projetos de vida: pois há jovens que planejam permanecer no campo e outros que desejam ir para a cidade (Menezes; Souza; Pereira, 2012). Aqueles que estão no campo procuram diminuir a exclusão social, ter opções de educação e lazer, ampliar as opções de trabalho para além das atividades agrícolas e buscar cursos profissionalizantes. Muitos jovens, porém, ao não alcançarem autonomia e estabilidade financeira tem como projeto ir para a cidade em busca de melhores condições de vida

2.3 Família, Sucessão e Êxodo Rural

Inúmeras são as definições de família encontradas atualmente, tem definições do direito de família, da religião, da ONU, da constituição federal de 1988, além de tantas mais. Encontramos até mesmo uma definição histórica que fala de quando e como surgiram os primeiros grupos familiares, que foi pela necessidade dos homens da pré-história de se protegerem, pois sentiram que seriam mais fortes juntos e assim surgiram as primeiras noções do que seja uma família. Diante de tantas definições encontradas a mais pertinente com a vida atual foi essa:

Família pode ser constituída por grupo de pessoas com ou sem consanguinidade que convivem ou não no mesmo teto. Pode se configurar ainda, como associação de pessoas que escolhem conviver por razões afetivas e assumem um compromisso de cuidado mútuo (Caputi, 2011, p. 3).

Foi possível observar na fala dos jovens pesquisados que a definição acima vem de encontro ao modelo de família encontrado no neste grupo, Stropasolas (2012) retrata a importância dos núcleos familiares unidos tendo o trabalho na zona rural, como um centro aglutinador da organização de vida, já que segundo ele a unidade, a solidez dos grupos familiares é um dos elementos fundamentais para o sucesso dos empreendimentos rurais.

Os jovens rurais trazem da vivência familiar no meio rural, o desejo de manter os laços, mas sobretudo buscam a realização de desejos pessoais e profissionais, porém estas ideias podem acabar confrontando-se. Um dos elementos básicos do processo de construção dos projetos de vida é a questão da sucessão, algo muito presente e forte no meio rural.

Normalmente é em torno da terra, trabalho e família, que os pequenos agricultores organizam suas vidas e seus valores, já que é da terra e do trabalho nela que eles retiram o sustento do bem precioso que é a família, desde muito cedo os filhos são iniciados no trabalho e assim vão transmitindo para as futuras gerações esses valores. Na visão geral é que muitas vezes acontece, as famílias passam várias gerações trabalhando em torno desse núcleo familiar, no grupo pesquisado foi possível observar um grupo familiar assim, Stropasolas (2006), falou sobre essa união.

É principalmente em torno da dinâmica reunida nas categorias terra, trabalho e família que os agricultores familiares organizam seus valores, expectativas e representações da vida social, que embasam suas estratégias para a reprodução social do patrimônio econômico e cultural (Stropasolas, 2006, p. 132-133).

Há de se considerar que cada propriedade tem suas particularidades, isto porque algumas são bem pequenas, outras possuem um porte maior, tendo suas atividades gerenciadas como uma empresa, a unidade familiar funciona de maneira diferenciada dentro de cada uma delas. As propriedades familiares possuem suas próprias formas de produção, buscando muitas vezes, formas de rendas complementares. Portanto é comum que os jovens busquem alternativas na cidade como forma de auxiliar na manutenção da propriedade e em busca de uma melhor qualidade de vida, isso ficou claro na fala dos entrevistados. Os autores a seguir retratam essa saída dos jovens em busca de trabalho e renda, essa ida, muitas vezes pode não ter volta.

Neste contexto, a sucessão familiar, ou a falta dela, tem sido tema recorrente no debate sobre o desenvolvimento do meio rural. Muitos filhos de agricultores migram para cidade para estudar e trabalhar e não voltam para dar continuidade à atividade de suas famílias. Assim, o processo sucessório é um tema complexo e dinâmico e que precisa ser discutido sob diferentes contextos (Zambiasi; Mera; Rodrigues 2022, p. 332).

Rocha (2017) considera que, as empresas modernas surgiram historicamente de negócios familiares, no qual os proprietários colocavam seus nomes nas instituições e muitas delas tornaram-se mundialmente conhecidas, levando consigo, o nome da família. Para o autor, anos depois da fundação dessas empresas era preciso que seu fundador deixasse o legado do negócio aos herdeiros da família e para que isto ocorresse da melhor forma possível, era preciso planejamento, garantindo que os sucessores tivessem um menor número de obstáculos possível. Assim, define-se a sucessão familiar como aquele processo que ocorre com a passagem do poder e patrimônio do fundador para o sucessor, o que pode causar dúvidas sobre como o processo é desenvolvido.

É de fundamental importância, que ocorra a conscientização de como o processo sucessório é algo importante para a continuidade e conseqüentemente a longevidade do empreendimento rural. É por isto, que o processo de sucessão precisa, também, ser acompanhado de uma espécie de acordo estratégico para o negócio, e dentro dele devem ser antecipadas quais são as tendências para o negócio e como a fazenda poderá atender as exigências de mercado para o futuro, os autores a seguir exemplificam bem a questão.

Nas pequenas unidades familiares tem sido discutida a viabilidade da agricultura após ter diminuído a expansão agrícola, tornando-se um ponto frágil nessa questão, a produtividade dentro dessas unidades. Alguns estudos mostram o significado desses núcleos produtivos no que tange a produção de alimentos no país, mas, ao mesmo tempo, não se entende o porquê desses pequenos proprietários ficarem fragilizados não conseguindo subsistir às pressões impostas pelo mercado (Santos; Viana, 2023, p. 2).

O processo de sucessão é definido por Plein (2003) como aquele onde ocorre transferência do controle ou do processo de gerenciamento sobre o uso do patrimônio familiar aos filhos sucessores. O processo de sucessão familiar surge a partir do momento, em que uma geração abre espaço para outra. (Rocha, 2017). Assim, cada família tem sua própria forma de desenvolver a sucessão, o momento em que irá acontecer e é influenciada pelos fatores socioculturais de onde vive, tornando esse processo diferenciado e complexo.

A questão da sucessão no ambiente rural é algo recorrentemente discutido, isto porque a influência familiar e social nesse espaço é algo muito forte e essa questão tem se tornado um desafio nos últimos anos (Santos; Viana, 2023). A elevação do custo de vida tem dificultado a vida de produtores rurais que não tem controle de suas atividades e a sucessão acaba inviabilizada. Há de se considerar que cada propriedade tem suas particularidades, isto porque algumas são bem pequenas, outras possuem maior porte, tendo suas atividades gerenciadas como uma empresa e a unidade familiar funciona de maneira diferenciada dentro de cada uma delas.

As famílias do meio rural são caracterizadas por fortes ligações de parentesco, pela frequente interação intergeracional, pelas trocas de conhecimentos e experiências entre os membros, e pelos relacionamentos hierárquicos (Zambiasi; Mera; Rodrigues, 2022, p. 329).

O trabalho desenvolvido no seio familiar ocorre a partir das necessidades de continuidade da propriedade e da busca por fazer com que os filhos não precisem deixar a propriedade em busca de outro tipo de emprego, a menos que também tenham que produzir e sustentar suas famílias. Assim, o produtor trabalha para vender seus produtos e com isso ter

condições de comprar outros, de forma a garantir sua manutenção e de sua família. Esse processo é tido pelos economistas, como sendo o de entrada dos camponeses na órbita voltada para o consumo, isto é, ele vende para poder comprar (Santos; Viana, 2023, p. 2).

Existem formas diferenciadas de sucessão: quando o filho sucessor vive em local separado dentro da propriedade do pai, porém separado e cria sua própria forma de gestão, de maneira independente e em caso de aposentadoria ou morte dos pais, assume o controle total da propriedade; o filho possui propriedade separada do pai, vive de forma autônoma e até desenvolve atividade diferente do pai, o filho aprendeu habilidades com os pais, vive na mesma propriedade e possui produção e autonomia financeira; o filho mora com os pais, porém quase sem responsabilidades na propriedade, ele é uma força de trabalho importante na atividade irá assumir em caso de morte ou aposentadoria dos pais (Plein, 2003).

Outra caracterização do processo sucessório pode ainda ocorrer a partir de quatro estágios evolutivos progressivos: o inicial ocorre quando as crianças dedicam seu tempo a estudar e iniciam seu trabalho nas propriedades sob supervisão dos pais; posteriormente é intensificada a participação da criança no trabalho; outras obrigações e responsabilidades em termos técnicos, métodos produtivos são destinadas ao jovem; o pai se retira da administração da propriedade e transfere o patrimônio aos filhos (Debesaitis, 2013).

Há de se considerar que, no caso brasileiro o processo de sucessão tem sido alvo de análise não apenas de pesquisadores, mas dos próprios produtores rurais e para Buainain *et al.* (2014). Atualmente, um novo padrão vem ameaçado a sobrevivência das pequenas propriedades, devido a impossibilidade de geração de renda para sobrevivência dos membros da família estaria afastando as pessoas do campo.

Trata-se de postura condizente com a atual dinâmica da produção agropecuária, que demanda proatividade e requer atenção dos gestores para a eficiência econômica das operações ao longo do tempo. Portanto, o reconhecimento de que a sucessão familiar é um processo enseja a necessidade de seu planejamento (Oliveira; Vieira Filho, 2019, p. 127).

A sucessão dentro da agricultura familiar não é algo tão natural como ocorria há anos, sendo uma opção que para muitos é vista como um fardo, já que o jovem, diante da necessidade econômica não tem outra opção (Ferrari *et al.*, 2004). Saem para a cidade, vão estudar e voltam para dar continuidade às atividades, aplicando os conhecimentos adquiridos, especialmente porque sentem que serão os futuros proprietários delas.

Esses jovens, ao fazer sua escolha profissional, envolvem alguns fatores e esses estão voltados para a renda da unidade familiar ao compararem com o trabalho

assalariado oferecido nas cidades. O que os leva a decidir pela profissionalização do campo é a educação, que pode direcioná-los a trabalhos agropecuários mais rentáveis futuramente, tendo em vista já possuir conhecimentos e possibilidades de ali permanecer. Como se percebe, o grau de instrução e a situação social influenciam nas decisões (Santos; Viana, 2023, p. 8).

Outro fator que age sobre a permanência do jovem na propriedade rural é a influência familiar, onde ele é influenciado a buscar estudos para que possa especializar-se e continuar a dedicar-se aos negócios da família, demonstrando que é possível aumentar sua renda e não ser alguém assalariado na cidade. O grupo de alunos pesquisados demonstraram ser essa a intenção deles, pensam que assim além da aplicação dos conhecimentos, poderá também levá-los a melhores retornos financeiros e tem ainda a questão da credibilidade que uma pessoa bem formada e qualificada tem.

O êxodo rural vai na contramão do processo de sucessão, é de grande importância na manutenção das empresas e das propriedades rurais, transmitir aos jovens não apenas a posse das propriedades, incluir também suas dinâmicas formas de gerenciamento, possibilidades de melhorias, incentivá-los a buscar inovação e possuir projetos de vida e gerenciamento da propriedade que possibilitem o crescimento. Proporcionando ainda meios para atingir autonomia, melhor capacidade produtiva, investimentos em tecnologias, dentre tantas outras possibilidades.

A partir da década de 1940 o êxodo rural se intensificou, principalmente pelo surto industrial que ocorreu na região sudeste, ele se intensificou pelas precárias condições de vida no campo, a industrialização é um dos fatores que promovem o êxodo rural já que levam as pessoas do campo para a cidade em busca de novas oportunidades. Santos e Viana (2023) cita que há causas atrativas e atrativas em relação ao homem, o campo e a cidade, e sobre as causas repulsivas, assevera:

a) Causadas pelos excedentes populacionais, acarretando um desequilíbrio entre a mão de obra disponível e a oferta de emprego, levando a migração do excedente; b) mecanização da agricultura: acarretou desemprego e em consequência, o abandono do campo; c) calamidades naturais: exceções no clima que provam secas, inundações e geadas; d) erosões e esgotamento dos solos; e) precariedade ou mesmo a inexistência de assistência médico social, falta de escolas, baixa remuneração nos trabalhos realizados; f) concentração de terras, as quais ficaram em mãos de poucas pessoas; g) o estatuto do Trabalhador que provocou intenso êxodo, tendo em vista os proprietários de terras não assumirem os encargos trabalhistas e isso levou à dispensa de empregados, os quais migraram para as cidades, enfrentando para a sua sobrevivência, muitas dificuldades. (Santos; Viana, 2023, p. 4)

Os jovens que vivem em ambientes rurais crescem em um contexto marcado pelo êxodo rural, seja para irem estudar ou trabalhar, o que faz com que muitos deles projetem uma

possibilidade de deixarem o campo quando terminarem o ensino médio (Alves; Dayrell, 2015).

Primeiro, porque migrar não depende exclusivamente do desejo ou mesmo de viver em um contexto de cultura da migração. Não migra quem quer; migra quem pode, quem reúne as condições (em geral econômicas, mas não só) necessárias para tal. Mesmo para os projetos de migração irregular, em que a condição financeira é um dos aspectos decisivos, o indivíduo precisa reunir disposição pessoal para se submeter a todas as adversidades da empreitada (Alves; Dayrell, 2015, p. 379).

Castro (2005) lembra que na cidade, os jovens procuram independência financeira, além de terem acesso a locais diferenciados de diversão, se autoafirmação em relação a sua família e amigos, ganhando maior liberdade.

Os primeiros cultivos ocorriam em regiões menores, quase desertas, mas que eram próximas aos rios. Com isso, passou-se a produzir alimentos para o consumo dos pequenos grupos de pessoas e o cultivo, aos poucos, passou a ser realizado com maior proximidade entre si. Os caçadores que viviam no nomadismo, procurando o que comer, passaram a se sedentarizar e a dedicar-se a produção, evitando assim, os perigos que tinham em suas buscas quando saíam à procura de alimentos (Mazoyer; Roudart, 2010, p. 29).

A Agricultura familiar é hoje um fator de grande relevância para o país, é ela que leva alimento a mesa de milhões de brasileiros, gera renda e desenvolvimento para o país. Assim sendo, a modernização agrícola agiu sobre a agricultura familiar iniciando já no período da colonização do país, isto porque desde esse período, o Brasil era marcado pelos grandes latifúndios, pela escravatura e pela exportação de monoculturas e isto incidiu, também, sobre as pequenas propriedades.

A unidade de produção familiar configura-se hoje como unidade produtiva economicamente viável, acumulando e incorporando meios de produção, sem, ao mesmo tempo, criar relações sociais de produção antagônicas, que resultem na polarização entre trabalho e capital (Siqueira, 2014, p. 63).

No caso brasileiro, Grossi e Silva (2002) citam que a partir da década de 1850, várias transformações ocorreram no meio rural, pela instalação das indústrias de consumo no país, no qual passaram a dedicar-se a agricultura e deram origem a maquinários, agrotóxicos, adubos químicos e a tantas pesquisas que incentivaram a produção, o desenvolvimento tecnológico nas propriedades e deu origem a “revolução verde”, preconizando assim a modernização agrícola e que se fortaleceu na década de 1960.

A partir dos anos 1980 as estatais ganham apoio do governo, sufocando aquelas medidas que procuravam combater a inflação ao mesmo tempo em que não comprometiam a evolução tecnológica. Foi na década de 1990 que os resultados das pesquisas iniciadas nos anos 1970 surgiram, trazendo para o processo novas tecnologias para o fortalecimento da biotecnologia. Mas isso, não foi o suficiente para que os problemas agrícolas fossem resolvidos, mesmo tendo a modernização aumentado as produções por meio da exportação, pois deixou os pequenos produtores à margem por não terem condições de se adequarem à produção capitalista (Santos; Viana, 2023, p. 3).

Alguns produtores conseguiram acompanhar a modernidade, porém continuaram a depender do trabalho assalariado e poucos conseguiram uma estrutura adequada. Em geral, na agricultura familiar as técnicas de produção são repassadas de pais para filhos e nas pequenas propriedades, mesmo com menor potencial de organização empresarial e com o uso de pouca tecnologia, o agricultor consegue persistir e, em alguns casos, chegar a tornar-se um produtor de maior sucesso (Siqueira, 2014). A segurança alimentar é um assunto importante na atualidade e tem ligação direta com os desafios vivenciados pelos produtores rurais, são eles os produtores dos principais alimentos, com qualidade comprovada, que alimentam a nação (Oliveira; Vieira Filho, 2019).

O fortalecimento da agricultura é uma expressão política, econômica e social e por isto, o desenvolvimento rural precisa ser repensado diante dos impactos que pode causar também na cidade (Flores, 2002). Em muitos casos, as mudanças resultaram no abandono do campo e a exclusão do agricultor, especialmente a partir dos espaços políticos e a busca pelo desenvolvimento sustentável no ambiente rural.

Sabemos que o tão falado desenvolvimento sustentável só acontecerá com o agricultor raiz, praticando uma agricultura mecanizada, porém da forma consciente que só ele sabe fazer, sem a preocupação da produção em massa e em grande escala do agronegócio atualmente.

CAPÍTULO III: O CONTEXTO DOS ESTUDANTES RURAIS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

3.1 Os Projetos de Vida como Impulsionador de Sonhos

Os projetos de vida fazem parte do cotidiano dos seres humanos e garantem parte do seu sucesso, pois ter um roteiro a seguir auxiliando nas decisões a serem tomadas para efetivar objetivos traçados. A própria formação da identidade perpassa a compressão sobre o significado pessoal que cada um atribui aos diferentes componentes da vida e a centralidade que tais componentes psicológicos têm na imagem que as pessoas constroem sobre si mesmas (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020). Para estes autores, os adolescentes constroem sua identidade baseando-se em papéis e testando variadas personalidades para determinar quem são e como se enquadram no mundo além de si mesmos.

A primeira questão aplicada aos alunos buscou compreender quais eram os seus projetos de vida de vida quando adentraram o IF Goiano, e como tais projetos de vida envolviam diferentes sonhos, desejos e objetivos. Essa primeira questão buscava ainda compreender melhor os estudantes, suas formas de vida, conhecer suas origens e sonhos que os trouxeram para o Instituto. Com estas respostas ficou claro que os alunos têm origens diferenciadas desde colégios em Luziânia, Orizona, Santa Cruz, Silvânia e Cristalina, no estado de Goiás Itacarambi e São João das Missões, no estado de Minas Gerais. O IF Goiano é uma Instituição que oferece educação profissional e tecnológica integrada ao Ensino Médio, portanto se encontra envolvido nos estudos e elaboração dos projetos de vida de tantos jovens que decidem buscar algo diferente para seu futuro.

Andrade (2022, p. 15) considera que “a escola é entendida como um equipamento que está presente na sociedade para atender as demandas sociais de onde está inserida, trabalhando pela democratização do ensino e pela transformação das realidades”, assim, para muitos alunos ela é um caminho para mudanças que podem gerar novas perspectivas em suas vidas.

Indagados sobre o que motivou sua vinda para o IF, 2 (dois) dos participantes, uma moça e um rapaz, irmãos gêmeos, 18 anos, disseram que como eram menores na época, vieram por indicação da própria escola e por decisão deles que levaram o assunto para

discutirem com a família. Ambos não gostavam da ideia de se mudarem do assentamento onde residem, para a cidade, além de trazer os custos de duas casas e não possuírem condições na época para isso, ainda tinham a insegurança por estarem saindo de casa pela primeira vez, por isso decidiram e concorreram às vagas para a residência na escola. O rapaz disse:

“aí terminou o ensino fundamental, aí, os próprios funcionários que trabalhavam lá na secretaria, os filhos deles vieram pra cá. Uns tava estudando no prédio da matemática. Aí a gente ficou pensando o que a gente ia fazer, porque eu não queria ir pra cidade, sabe? Porque é muita bagunça, aí eu falava, mãe, nós podíamos ir lá pra Urutai, né? Aí, a própria escola de lá, indicava Urutai”. (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Nessa realidade, Andrade (2022) afirma que nas instituições de ensino é possível encontrar situações diferenciadas, tanto daqueles que veem nesse espaço uma possibilidade diferente para seus futuros, como de outros que vivenciam uma espécie de estranhamento, como se não fossem dignos de tal espaço.

Outros foram influenciados pela própria família, como é o caso da aluna de 18 anos, que reside com a família no município de Silvânia, cujo pai é um Técnico Agrícola, sempre trabalhou e tem sucesso nessa profissão, ele foi o seu incentivador, Conforme citou:

“eu, foi por conta do meu pai que fez técnico lá no RS, tanto que eu ia lá para o RS fazer o técnico em agropecuária. Só que aí, mulher e ir para outro estado, eu fiz a prova aqui e a prova pra lá, para depois decidir se ia ficar aqui ou ir pra lá. Eu vim por causa do meu pai mesmo. Eu não sabia o que eu queria, aí meu pai como já é formado nessa área, aí pensei vou lá tentar né”. (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Outra moça, 18 anos, residente no município de Orizona, onde conhece muitas pessoas que estudaram no IF, inclusive alguns familiares. Ela deixa bem claro que o pai não queria que ela fosse para o Instituto, cursar o Técnico em Agropecuária, por ser menor e mulher, um caso clássico de gênero, já que o irmão e os primos estudavam lá, ela afirmou:

“eu tenho dois primos que estudou aqui. O Jean, aí meu primo veio, meu irmão veio. Aí meu pai não queria, mas eu falei eu vou também”. (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Assim, Andrade (2022, p. 15) considera que existe a “expectativa de conseguir melhorias de vida sem deixar o campo, principalmente quando pensam na busca de soluções técnicas e tecnológicas para encontrar e fornecer respostas aos problemas vivenciados em suas realidades” e os próprios pais depositam tal esperança nos filhos, esperando que eles se qualifiquem e voltem para atuar na propriedade, trazendo com eles, mudanças e melhorias.

Houveram alunos que citaram as dificuldades de morarem na zona rural e terem de enfrentar transporte todos os dias, ainda mais saindo de um período para estudar os dois, como o exemplo da moça:

“a minha era na cidade, eu sempre estudei na parte da manhã. Ai como eu sempre morei longe da escola, sempre saí mais cedo de casa, eu ia de ônibus também. E Orizona era longe de casa né, então era mais difícil” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

A dificuldade da distância é apenas uma das várias vivenciadas pelos jovens rurais, isto porque eles também são bastante diferenciados entre si, assim como é cada região e a realidade de cada propriedade. Ferrari (2014, p. 22), por exemplo, lembra que existe o jovem da agricultura familiar, o jovem quilombola, o ribeirinho, o camponês, do assentamento e cada um deles tem seus sonhos, sua realidade e projetos diferenciados para o futuro.

Sobre os sonhos e projetos de vida, os alunos variaram bastante em suas respostas, como um deles que citou o desejo de melhorar a produção na propriedade de sua família, que no momento se encontra quase toda arrendada e antes quando ele e a irmã residiam lá e ajudavam, produziam leite, assim ele afirmou que:

Tem, tem sim, um plano de mexer lá, o espaço é pequeno e todo mundo lá mexe com leite. Só que na minha opinião, lá como são lotes que não são muito grandes, daria pra fazer as coisas lá, bem feitas. Lá o pessoal, não sei se é a renda que não dá, mas não é uma coisa bem feita. A gente quer fazer direito, falei pra minha mãe, a gente falou pra ela que pra render tem de fazer certinho, fazer a higienização certinha que, às vezes, não tem. Ai o povo reclama, reclamava do preço do leite, mas às vezes não sabia pq né? E muito é por falta de higienização. Ai esses investimentos estão plantando, assim conseguem uma renda pra pagar as contas (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Os conhecimentos adquiridos durante o curso servirão de respaldo a esses jovens que já chegam cheios de ideias e estas se fortalecem durante sua aprendizagem, buscando melhorar a vida de suas famílias, a partir do seu trabalho e do que aprendem no seu curso. A mesma perspectiva é citada por outra aluna, cuja família reside e são contratados de uma grande fazenda, mas que receberam um sítio de herança da família materna, ela afirmou:

“Eu e meu irmão a gente até conversou bastante sobre isso. Pra gente poder criar a nossa liberdade, não é assim? Nós é quatro né, aí a gente pensou em fazer uma sociedade, mas que seria mais pra frente” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Observa-se o desejo que eles e elas têm de buscar conhecimento para melhorarem a produção da propriedade familiar ou para dar origem em outro negócio futuramente, podendo assim até melhorar as das condições de vida da família. Outros, no entanto, diante da mesma questão, se pretendem continuar a viver na zona rural e trabalhar com seus pais obtivemos respostas como dessa moça:

“Eu não. Eu quero ir embora pra longe. Igual meu pai. Ele saiu lá do RS e veio pra cá. Eu também quero sair” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Ainda é preciso citar falas dos entrevistados, como as que vem a seguir: *“É, de ir pra lá, pra dar uma ajeitada lá, ver como fazer”*; Ou a fala: *“A gente quer movimentar a propriedade mesmo”*, onde se observa o desejo de buscar qualificação para melhorar ou implementar um negócio familiar, já que demonstraram em toda a conversa, o interesse sobre as propriedades de suas famílias. Andrade (2022) lembra que o êxodo rural ainda é uma realidade de muitas regiões brasileiras, porém, ainda são cerca de 7,8 milhões de jovens que continuam a viver nas propriedades rurais e cujos sonhos estão diretamente ligados à agricultura familiar e são pessoas que lutam por melhorias nesse espaço e que veem na educação uma de suas possibilidades.

Perguntados sobre a intenção de continuar estudando depois que terminarem o curso no IF, os alunos falaram sobre os planos para o futuro dizendo que:

“Eu tinha intenção de fazer Agronomia também. Ai eu pensei, quem sabe lá no técnico em agropecuária, a gente vai e faz Agronomia. Daí a gente veio pra cá” (Moça 18 anos, participante da roda de conversa).

“E eu, quero fazer desde o começo. Decidi fazer Veterinária” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

“Eu quero fazer faculdade de depois que terminar o ensino médio. E depois quero um emprego. Eu quero ficar na propriedade, mas quero um emprego” (Rapaz 18 anos, participante da roda de conversa).

A juventude, demonstra, portanto, momentos de muitas incertezas quanto ao futuro, mas tem-se na educação profissional ou no nível superior a expectativa de um futuro mais certo quanto a aquisição de renda individual.

De qualquer forma, os jovens colocam-se como protagonistas de suas próprias histórias, procurando qualificação profissional para atuarem tanto no meio rural quanto em outras áreas que desejarem, o que para eles e elas, é uma maneira de diminuir a exclusão social, de buscar melhorias de vida, de investir na sucessão das propriedades, levando tecnologias e novos conhecimentos para elas (Andrade, 2022).

Em uma das falas, outro aluno relata sobre as dificuldades da vida na zona rural, principalmente daqueles que não tem suas terras ou vivem em assentamentos, por exemplo:

“É, lá é tipo uma fazenda. Eles dividem o lote, na verdade, num assentamento. Um lote com 28, outro com 30. Foi pegando e dividindo, entendeu? E remanejou a gente. Ai a gente veio de outro assentamento, do Buriti das Gamelas. Cristalina mesmo. Ai mudou a gente para o assentamento Manacá. Fecharam um bloco e colocou a água. Por conta da represa, ai tinha muita gente, precisou remanejar. É que assim, tá arrendado lá. Tinha um cara lá. Ai eu falei assim, mãe, vou estudar, mas ai mexia com leite, ai só ela ficou difícil. Ai

não dá certo de ir pra Urutai e cuidar só fim de semana. Ai duas cabeças ela vendeu, vendeu e alugou o pasto que tava prontinho. Ai ela recebe, arrendou” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa)

Assim como afirma Carneiro (2005) ao citar que, da mesma forma como se deve falar no plural para o termo geral “juventude”, também é preciso assim o fazer quando fala-se em juventude do campo, considerando que são jovens que possuem diferentes identidades e condutas, que são influenciados por fatores históricos, sociais e culturais diferenciados, sem contar as diferenças regionais, a relação campo-cidade, as diversidades étnicas e de gênero, dentre tantos outros fatores que influenciam em seu dia a dia e nos projetos de vida que criam e que lutam para colocar em prática.

Muitos desses/as jovens desdobraram-se nas atividades rurais durante a semana no final da pandemia, auxiliando suas famílias e, também, trabalharam na cidade durante os fins de semana, como é o caso que essa aluna citou:

“Eu e meu irmão, não queríamos ficar pedindo dinheiro. Então a gente logo caçou um jeito de ganhar o da gente. Meu irmão começou a trabalhar na lavoura e ganhava. Eu trabalhava, mas não ganhava. Ai na pandemia, trabalhei com a minha mãe e de garçom. Ai, apareceu essa proposta de trabalhar de garçom, muito mais fácil. Não ter que pedir” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Na fala acima, podemos observar que a pandemia deslocou o jovem para uma atividade urbana. Contudo, também deixa transparecer que as oportunidades de melhores rendas estão ligadas às atividades urbanas na sua região. Andrade (2022) ressalta que existe um tênue limite entre o ambiente rural e urbano e é comum que jovens da zona rural convivam com espaços urbanos em atividades cotidianas, criando laços sociais e vivenciando práticas culturais, inclusive ampliando suas oportunidades de estudo e trabalho.

Todos/as os/as jovens pesquisados/as vivem uma realidade rural/urbano, tanto estudando quanto em trabalhos que exercem na cidade, aguardando o momento que possam realizar seus projetos de vida e se firmarem como profissionais.

3.2 Vida e Trabalho Rural, diante das questões de gênero

Nas rodas de conversa buscou-se analisar também o trabalho desenvolvido por esses jovens e suas famílias no ambiente rural e enfatizar as questões de gênero, pois ainda é perceptível que os papéis que continuam querendo destinar às mulheres no meio rural. Embora existam controvérsias e estudos apoiando que o papel feminino na agricultura é onde a mulher quiser, ainda foi um termo bem discutido, com as alunas citando como elas estão vendo acontecer nas suas famílias, como elas se sentem nas situações e como é nos meios

profissionais que estão frequentando. Enquanto umas lutam para permanecer no meio rural, outras buscam se desvincular do meio rural, ao deixar a família com a finalidade de estudar.

Os autores Pereira e Souza deixam claro essa questão:

Moças e rapazes estão projetando seu futuro suscetíveis às mudanças em curso no meio rural. No caso específico das moças, elas se identificam cada vez menos com os tradicionais papéis de gênero, diversamente das gerações passadas. Buscam construir trajetórias de vida diferentes de suas mães e avós, inclusive animadas por elas, muitas analfabetas e sem formação profissional, para atuarem em áreas específicas dentro e fora da agricultura (Pereira; Souza, 2020, p. 2).

A escola, assim como a vida em geral, ainda reforça muito as questões de gênero, isso acontece nas pequenas coisas. A escola é uma grande reprodutora de todos os níveis de sexismo que estão na sociedade, onde ouve-se sempre o esperado das meninas, um modelo como as mulheres devem se comportar.

No caso específico das meninas que vivem em ambiente rural, Alves e Dayrell (2015) consideram que muitas projetam suas vidas para modificar a realidade vivenciada, visto que não querem reproduzir situações vivenciadas dentro de casa, como o casamento ou a dependência financeira feminina, algo muito comum nos ambientes rurais. Muitas jovens negam a presença do casamento, pois impediria sua autonomia, enquanto outras o projetam para depois da realização profissional. Na citação a seguir, autores deixam claro a educação sexista:

Sabe-se que a educação sexista não é facilmente percebida e muitos dos comportamentos atribuídos a homens e mulheres são tomados como naturais e universais, ou seja, decorrentes de diferenças biológicas e presentes em quaisquer culturas. E, sexo biológico e gênero comumente são utilizados como termos sinônimos (Lima, *et al.*, 2017, p. 34).

Entre os jovens que saem do meio rural para viver na cidade, a maioria são mulheres, essas jovens criticam profundamente a desvalorização, assim como a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar. Elas pensam obter essa autonomia saindo da casa dos pais, pois o controle sobre elas é exercido enquanto estiverem vivendo com eles, muitas vezes seus projetos de vida são marcados pelo investimento na educação, como um meio de prepará-las para o mercado de trabalho.

Como características tradicionalmente atribuídas às mulheres podem ser citadas como exemplos aquelas que favorecem o ensino, o cuidado, as atividades domésticas cotidianas e a maternagem, como sensibilidade, passividade, meiguice, tolerância (Lima, *et al.*, 2017, p. 37).

Nem todos/as os/as jovens pretendem permanecer nas áreas rurais, mesmo se preparando numa área técnica vinculada as práticas rurais, muitos deixam claro o desejo de se profissionalizar e deixar o trabalho rural. A formação no nível médio pode parecer apenas uma estratégia para adentrarem a universidade, como constatou Pereira e Souza (2020) em sua pesquisa sobre formação técnica em agropecuária no Brasil e na Espanha. É uma estratégia muito utilizada pelas moças cujas dificuldades em permanecer no meio rural são ainda maiores, até mesmo pela ideia do papel feminino no meio agrícola, conforme falas de uma jovem entrevistada:

“Não tem muita oportunidade não”.

“Tipo assim, quando tá meu irmão e meu pai mexendo, às vezes eu fico até em volta deles”.

“Quando meu irmão tava trabalhando eu ficava lá com ele. Mas quando tá no geral né, eles não chamam”.

“Uma é porque o serviço é pesado e outra porque mulher é meio melindrosa”.

“ Não, porque às vezes tem algumas coisas que a gente não consegue fazer. Mas no geral, dá pra gente fazer tranquilo ” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Ao discutir o tema, perguntados se gostam de trabalhar nas propriedades rurais, se pretendem permanecer em áreas ligadas ao setor rural, todas as moças afirmaram que irão estudar e trabalhar na área, porém não são todas que pretendem permanecer morando na zona rural:

“Gosto. Desde pequena, eu sempre gostei de fazenda. Eu sempre mexi com meu pai no maquinário. E gosto da parte de engenharia agrícola. Na hora de plantar, eu tava com ele. Eu só não ia quando ia mexer na pulverização. Gosto demais disso sim. Eu penso em trabalhar em uma montadora de maquinários” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Essa estudante tem buscado na educação a formação profissional e saberes que possam ser aplicados em seu dia a dia e, também em futuras profissões. De acordo com Gallo (2009), o conhecimento possibilita mudanças nas relações sociais e no processo de desenvolvimento do indivíduo em relação à natureza e ao meio em que vivem.

Analisando a questão de gênero, uma das alunas coloca que:

“Lá onde eu fiz estágio mesmo, quando eu entrei lá, era só homem. Ai depois contrataram uma outra moça, quando eu tava saindo, eles contrataram ela. E a gente fazia de tudo. E depois vieram falar assim, nossa, as meninas pegam no pesado. Eu pensei que eu ia chegar lá e mostrar serviço, vou fazer meu nome. Ai ela entrou e fez o nome dela. Toda vez que eles iam fazer alguma coisa, eu tava lá em cima, eu nunca deixava passar a oportunidade. Quando eu já sabia o que eles iam fazer eu já ia lá pro fundo, já ia ajudando, eles ficavam admirados com o meu desenvolvimento. E eu não deixava de fazer as coisas, por ser mulher. Tudo que eles tavam fazendo, eu tava junto. Nós íamos na roça, eu mexia nos trem, não tinha disso. No que eu puder ajudar, no que eu souber fazer, eu faço” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

A frase da aluna evidencia a dedicação para realizar o sonho de ter um bom trabalho e fugir do preconceito que atinge ramos da economia que, em muitos casos não considera a mulher como capaz de realizar alguns tipos de trabalho, principalmente a área rural, onde as atividades são consideradas pesadas e, portanto, masculinas, como se somente os homens fossem capazes de executá-las.

Essa realidade não é comum apenas no ambiente rural, ao contrário, para Guimarães e Quirino (2017), considerando que desde as sociedades pré-históricas havia um padrão de organização social, baseado na repartição de tarefas entre homens e mulheres e isto perpetuou-se ao longo do tempo, nos diferentes povos. Uma das alunas sentiu o preconceito:

“Na área dela de maquinário, às vezes você sabe muito mais que eles e você fala e eles ignoram. Um dia, a gente foi fazer um serviço e ela falou: põe em tal lugar que dá certo. Eles fingiram que não escutaram. Aí o gerente da fazenda falou, coloca em tal lá, o mesmo que tinha falado. Aí eles colocaram e deu certo” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Tal situação pode ser modificada, o que exige perseverança feminina para fazer parte do meio rural, desempenhando outros tipos de tarefa não só aquelas consideradas pelos homens como femininas. Segundo Quirino (2011), a questão da opressão da mulher deixou o campo da biologia para se expressar no campo da história, da cultura, porém, se é algo que surgiu naturalmente, poderia, também, ser modificado naturalmente, o que para o autor exige uma ação política enfática sobre a questão.

De muitos tipos de serviço, as mulheres acabam excluídas, como relata a aluna ao afirmar que *“Quando meu irmão tava trabalhando, eu ficava lá com ele. Mas quando tá no geral né, eles não chamam”* (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa). E isto acontece porque consideram a mulher como alguém frágil, como observa-se na fala que ela coloca *“uma é porquê o serviço é pesado e outra porquê mulher é meio melindrosa”*. Essa “dita fragilidade feminina” acaba sendo vista como empecilho para que possam desenvolver determinados tipos de trabalho. Sobre tal questão, Hirata (2010) considera que:

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (Hirata, 2010, p. 3).

Há de se considerar que ainda hoje, muitos dos trabalhos realizados por mulheres, seja no campo ou na cidade, ainda são considerados de pouca importância ou relevância econômica, como se fosse apenas uma “ajuda” ao trabalho do homem e que o trabalho produtivo não caberia à mulher. No meio rural, esse tipo de divisão é muito explícito, pois desde bem cedo, meninos e meninas são destinados a atividades específicas dentro da propriedade (Hirata, 2010).

A restrição da mulher em trabalhar nessas propriedades ocorreria em apenas alguns tipos de cargos considerados como mais pesados para o público-feminino ou por serem considerados perigosos (o que os próprios pais afirmam e que desejam proteger suas filhas), mas no geral, se sentem acolhidas pelo ramo.

Muito desse tipo de situação é reflexo da forma como meninos e meninas são criados no âmbito rural. Hirata (2010), explica que a família é o espaço de construção de gênero, sendo os pais que educam meninos e meninas para ter determinadas funções sociais, para desenvolver gostos e competências e consideram que na

[...] cultura do campo, geralmente, a menina aprende com a mãe, as lidas de casa, os cuidados para com os filhos, o preparo da horta, aprendendo raramente, a discutir política, planejar a produção, negociar e comercializar o produto (Hirata, 2010, p. 5).

O contexto reflete-se nas práticas masculinas, também, pois muitos são os meninos que não aprendem a cuidar de casa ou das crianças, dizeres carregados dessa cultura machista, destinando apenas, alguns tipos de funções e papéis para o público feminino. Por isto, Brumer (2004) ressalta em seu trabalho que o papel da mulher trabalhadora do campo, reforça seu papel, sua capacidade em trabalhar não somente de forma remunerada, mas também de forma invisível, contudo de fundamental importância para a continuidade das atividades rurais.

3.3 Vida, Ruralidade e Educação no contexto da Pandemia de Covid-19

Falando sobre suas experiências no período da pandemia, os alunos relataram situações diferenciadas dentre elas, dificuldade de acesso à *internet*, falta de equipamentos necessários, família sem condições culturais para assessorá-los e muitas situações mais complicadas, como ajudar a família no trabalho ou trabalhar fora para ajudar na manutenção da família, muitos puderam continuar estudando, muitos tiveram de trancar ou desistir.

Vivenciamos todas essas realidades com o grupo pesquisado. O jovem abaixo traz um contexto de vida difícil. Ajudou nos trabalhos como relata, mas tanto ele quanto sua irmã

gêmea tiveram condições de seguir com os estudos e concluíram o curso no tempo regular, fizeram o primeiro e o segundo ano *online* e o terceiro no presencial em 2022. Ela fala como foi a sua experiência:

“Na pandemia tava tudo parado. Eu tava lá ajudando em relação a lavoura, com as plantas. Depois, a gente voltou a estudar, não tinha mais como. Sou eu e minha irmã, meus pais são separados, ele paga a pensão, mas ainda tem o leite, ele paga mas é muito pouco” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Foram muitas as dificuldades trazidas pelo período da pandemia que diminuiu as atividades econômicas em todo o país e que fez com que muitas famílias passassem por muitas dificuldades, inclusive aquelas que atuavam no meio rural. Sobre isto, Santos (2021) considera que a pandemia trouxe consequências sobre a vida de todas as pessoas, isto porque foi preciso buscar estratégias de enfrentamento, para evitar a disseminação da doença, fazendo do distanciamento físico a principal proposta do governo. Para o autor:

A adoção dessa política exigiu o fechamento de espaços de aglomeração de pessoas como centros comerciais, feiras livres e escolas. Além de afetar a economia do país, resultou em grande impacto na geração de renda dos mais pobres, sobretudo, para quem vive da agricultura familiar que, sem as feiras, fica inviabilizado de vender suas produções. Essa medida tem impactado fortemente o território rural que, desde muito tempo, padece de uma série de problemas relacionados à desigualdade social em relação ao acesso: ao trabalho, a educação, dentre outras questões (Santos, 2021, p. 12).

No ambiente rural, os/as jovens, pela vontade de se movimentarem mais como de costume, foram bem privados durante a pandemia para não serem expostos ao vírus, para evitar a probabilidade de contrair a doença e repassá-las aos pais e demais familiares mais vulneráveis. O aluno relata que antes da pandemia, a vida social era movimentada e diminui bastante, deixando de ter as festinhas onde os/as jovens se reuniam.

“Diminuiu bastante, né? Porque na escola quando estudei lá na zona rural, sempre tinha, festinha, o pessoal se reunia lá, os estudantes, pra ajudar quem tá formando, né” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

No ambiente rural, os impactos podem ter sido menores do que os que foram sofridos na zona urbana, visto que as aglomerações são menores. Há de se considerar que, segundo Claudino (2020), a pandemia de Covid-19 que apresentou pico em 2020, trouxe consequências e crises em todas as dimensões da vida humana. Todos os ramos sociais e da economia sofreram consequências intensas, desde a produção de matérias-primas, a indústria de transformação, a área de serviços, as atividades desenvolvidas em âmbito rural ou urbano.

Segundo o autor, setores como a criação e comercialização animal receberam impactos mais imediatos, inclusive nas possibilidades de comercializar (Claudino, 2020).

Com tudo isso, os/as jovens da zona rural viram-se em meio a essa realidade, de terem suas atividades rotineiras modificadas, mesmo assim a jovem pesquisada, considerava que para quem vivia na cidade era ainda pior, ficavam mais limitados:

“Eu acho que quem mora na cidade sentiu mais medo. A gente ficou 2 anos fechado, aí em casa, você não tá vendo tudo em volta. Na fazenda é mais livre né” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Uma aluna citou que na zona rural também enfrentaram problemas como a violência que acabou aumentando no período da pandemia, dentro das propriedades rurais, pois com o isolamento diminuiu também o policiamento que já era pequeno, ela disse:

“O problema maior da fazenda nesse tempo é que teve bastante roubo. Até porque não chega ninguém, tá mais parado, aí teve bastante” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Muitas pessoas acabaram sentindo-se ainda mais isoladas, pois não estavam resguardadas nem mesmo pela segurança pública e ficaram mais à mercê das ações de criminosos. Machado e Malagolli (2021) consideram que a pandemia da Covid-19 impactou negativamente os pequenos produtores rurais de todo o país, agindo sobre questões como segurança, saúde, produção, comercialização, renda e formas de comunicação. Os produtores precisaram se superar para enfrentarem os desafios impostos pela doença e pelo isolamento, muitos perderam amigos e familiares para a doença, parte de sua produção com a queda nas vendas e na renda e ainda enfrentando a crescente violência.

Outro aluno relatou que não via muitas perspectivas para além da pandemia de Covid-19, pois temia que os casos não diminuíssem e as aulas não fossem voltar e disse:

“Com o tanto de casos que teve de morte, eu achava que não voltava, eu achava que ia continuar, porque muitos professores já estavam acostumados com o esquema de dar aula online, eu achava que ia continuar” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Em muitos casos, vários jovens acreditaram que as aulas *online* permaneceriam até por mais tempo, sendo uma alternativa mais viável para muitos que moram na zona rural e que precisariam continuar estudando, mesmo com a existência da doença ainda circulando entre as pessoas. Segundo Lima, Paiva e Goulart (2021, p. 1),

em todo o país, diante à suspensão das atividades escolares [...], a educação se viu do dia pra noite em uma situação de incertezas de quando iriam voltar, se aulas à distância seria a saída para a problemática surgida tão repentinamente

e tais incertezas, certamente, atingiram também os alunos que precisaram repensar seus objetivos imediatos e até mesmo futuros, pois muitos não sabiam como terminaria a pandemia, sobre essas dificuldades dos/as alunos/as a autora disse:

Será necessário ter sensibilidade para a diversidade de situações enfrentadas por todos os envolvidos quanto ao que se passou nas tentativas de manutenção das atividades escolares e das aprendizagens, efetivadas ou não, nesse período transitivo agudo da pandemia pela Covid-19 (Gatti, 2020, p. 35).

Os/as alunos/as falam sobre como foi voltar a estudar depois da pandemia. Uma aluna cita que foi desanimador, tudo havia mudado no seu quarto na residência estudantil, todas as colegas eram diferentes, que na sala de aula tudo estava diferente, muitos haviam perdido familiares, amigos e conhecidos:

“Quando eu cheguei, voltei, muitos tinham desistido, meu amigo faleceu, foi puxado né? Ai no meu quarto tinha uns 3 lá, de Minas, só que aí, tipo assim, eu sempre fui fácil de fazer amizades. A gente começou a conversar, né? Foi conversando, conhecendo, aí assim, foi fácil, né? A gente não conhecia, tava desanimado né? Mas aí a gente fez novas amizades” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Foram muitas perdas e dificuldades precisaram ser enfrentadas para que os/as jovens voltassem a estudar, retomassem suas atividades e seus sonhos. Era um recomeço, após 2 (dois) anos, tudo havia mudado para esses/as jovens, dos colegas de antes nas salas, restaram poucos, muitos desistiram e outros ficaram para trás. Quanto aos projetos de vida em muitos sentidos era uma retomada, em outros um recomeço, muito a aprender e a correr atrás já que no ensino remoto muita foi coisa aprendida, mas muito mais ainda por aprender, Segundo Saviani e Galvão (2021, p. 42):

No “ensino” remoto ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários etc (Saviani; Galvão, 2021, p. 42).

Isto quer dizer que, por mais que o ensino a distância tenha trazido benefícios aos alunos diante da necessidade do isolamento social, as atividades realizadas na escola, com a presença física, alunos/as e professores/as ainda se mostram essenciais para sua aprendizagem e desenvolvimento.

As dificuldades vivenciadas durante a pandemia também puderam ser vencidas pelas amizades e trocas de experiências, como afirma uma das alunas ao dizer que:

“O Vitor tava com dificuldade, a gente sempre conversou, aí acabou que eu e a P1 começamos a conversar assim. Sempre tava conversando pra se ajudar, principalmente durante a pandemia. Depois a gente chegou aqui e continuou a conversar” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Essa troca de informações, de experiências, até mesmo de afeto e apoio entre os alunos, auxiliou que muitos deles continuassem a estudar e não desistissem dos seus cursos durante o período da pandemia. O isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 gerou muitas dificuldades de convivência social, resultando no isolamento dos/as jovens em seu ambiente familiar, causando prejuízos educacionais (Senado Federal, 2023). Em muitos casos, surgiram doenças psicossomáticas e muitas delas, ocasionadas pelo tempo excessivo de exposição ao uso da *internet*, já que por não poderem sair de casa, os/as jovens utilizavam a *internet* para interagir, assim como para estudar.

Os/as alunos/as citam as dificuldades de aprendizagem das aulas, pois muitos deles/as moram em locais não apropriados, falam sobre os vários colegas que desistiram do curso, porém ressaltam que foi necessário o isolamento, visto que em várias salas de aula todos os alunos foram acometidos da Covid-19 após o retorno. Como citado por esta aluna:

“Da nossa turma, do 1ºB, tem 5 pessoas na nossa sala, aí só aumentou. Aí acabou a pandemia, a gente voltou. Muitos casos aqui no IF aconteceram. Eu fiquei isolado muitas vezes no meu quarto. Eu achava que ia fechar de novo. Mais da metade da turma pegou. Um ficou doente, todo mundo junto na sala, quando um começou a sentir os sintomas, todo mundo foi fazer o exame, tinha pegado” (Moça, 18 anos, participante da roda de conversa).

Havia, portanto, o medo da doença, a necessidade de resguardar a vida, mas também, a necessidade de dar uma pausa em sonhos e projetos de vida anteriormente estabelecidos. Um dos alunos exalta que as aulas *online* foram importantes para manter os alunos nos cursos, porém, houve prejuízos a aprendizagem, uma vez que:

“É que nas aulas práticas, a gente tá vendo, tá fazendo alguma coisa, a gente aprende melhor. Pondo a mão na massa. Nas aulas online, a gente tá ali convivendo, tá vendo, mas muitas vezes não presta atenção. Como era todo mundo, a gente ia se conversando, e tentando se ajudar. Lá em casa não tinha internet, mas aí meu pai colocou. Aí melhorou. Aí a gente comprou um notebook” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

A última fala do aluno fala das dificuldades das aulas *online*, da falta dos meios, para os que tinha os meios, as dificuldades de lidar com tais tecnologias, o que poderia impedir uma aprendizagem de maior qualidade. Santos (2021) também reflete sobre tal questão,

afirmando que, em muitos territórios rurais o acesso à *internet* ainda não é uma realidade e muitos jovens vivenciaram o atraso escolar e por estudarem em instituições públicas sofreram ainda mais com os danos causados pela pandemia.

Muitos estudantes conseguiram trabalho durante a pandemia, já que os cursos só estavam funcionando de forma *online*, o que ajudou na renda de suas famílias e muitos deles/as exaltam que foram auxiliados por seus patrões a não deixarem de estudar, como é o caso do aluno que afirmou:

“Eu tava trabalhando, então, na lavoura sempre tem o que fazer. Tenho aula tal hora, aí ele falava, quando tiver as coisas você fala comigo. Mas o patrão falou que na hora das aulas era pra eu parar e ir assistir, fazer as coisas que tinha de fazer. Eu não precisei ficar sem fazer, eu não me arrependo de não ter trancado” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Essa alternativa de trabalhar em outros locais foi comum a muitos estudantes, como afirma Santos (2021, p. 13) ao citar que:

A alternativa proposta pelo grupo de jovens foi buscar uma maneira de se adaptarem ao momento atual, enfrentando a situação a partir da construção de resposta ágil à crise que se instaurou na comunidade, quando as agricultoras temiam bastante a pandemia, não apenas a doença, mas as consequências econômicas decorrentes dela (Santos, 2021, p. 13).

Tais jovens e suas famílias tiveram, portanto, que se reinventar, que buscar novas alternativas em um período que trouxe tantas mudanças e dificuldades para a população brasileira como um todo. Em muitos casos, os/as jovens que apenas estavam estudando, aproximaram-se da produção de sua propriedade, pois tiveram mais tempo para conviver com os pais, com as atividades da propriedade e até mesmo para colocar conhecimentos adquiridos em prática.

As más lembranças são citadas por vários alunos como o que afirmou:

“Quando eu vim pra cá, viemos muitos da turma, então tinha muitos conhecidos, viemos todos juntos. Aí, na pandemia, eu perdi um colega que estudava com a gente. Sofreu um acidente de moto, faleceu. Os demais, muitos desistiram do curso, parou, não quis vir mais, trancou, desistiu do curso. Dos oito colegas que começaram, sobrou só eu” (Rapaz, 18 anos, participante da roda de conversa).

Essas lembranças acabaram marcando a vida desses/as alunos/as, que tiveram que mudar seus planos, se adaptarem aos acontecimentos da pandemia continuarem se protegendo já que ainda não tinha realmente acabado tudo. Restava pensar nos estudos, retomar os sonhos que deixaram em segundo plano, mas restava pensar que toda a sociedade também estava recomeçando. Contudo, mesmo com as tristezas e dificuldades apontadas por estes/as jovens

como a perda dos amigos, as dificuldades que ficaram com o sistema de ensino adotado, através das plataformas de internet, onde nem todos possuíam os meios.

Mesmo que o retorno às aulas presenciais apontasse momentos de isolamento e incertezas, para o grupo desse terceiro capítulo, havia muito a comemorar, já que mesmo diante das dificuldades eles continuaram e iriam terminar o curso tempo certo, com todos os contratempos eles estavam entre a minoria dos que não foram obrigados a parar, para se pudessem recomeçar com o retorno ao presencial.

CAPÍTULO IV: O FRACASSO ESCOLAR DO JOVEM RURAL E DA PANDEMIA DE COVID-19

4.1 O contexto de Vida dos Jovens Rurais e seus Projetos de Vida

Ao se buscar entender as discrepâncias existentes na sociedade, deparamos com uma contradição existente entre o mundo urbano *versus* o mundo rural. Nesta lógica, o mundo rural emerge com suas especificidades, seus padrões culturais e problemas estruturais advindos da sociedade, os quais restringem as oportunidades e dificultam a realização dos projetos de vida dos/as jovens que vivem nessas condições. Lidar com as dificuldades próprias da adolescência em uma condição social adversa é um verdadeiro desafio para estes/as jovens. No campo é o lugar onde as relações de gênero e geração se situam como um dos principais fatores de tensão, de redefinição de valores e identidades na conhecida agricultura familiar, que envolvem as relações sociais, familiares e de trabalho em um mesmo espaço (Stropasolas, 2006).

Na agricultura familiar, as crianças aprendem a conviver com a realidade do trabalho desde muito pequenas, associando trabalho e manifestações lúdicas. São estimuladas a incorporar uma ética em que o trabalho tem um valor relevante como base da subsistência, como meio privilegiado de ganhar a vida e de honrar seus compromissos (Stropasolas, 2006, p. 210).

Os projetos de vida fazem parte do cotidiano dos seres humanos e garantem parte do seu sucesso, pois ter um roteiro a seguir auxiliando nas decisões a serem tomadas para efetivar objetivos traçados. Em sua formação, os seres baseiam-se em quem são ou querem ser, projetando o querem se tornar e encontrando o porquê, de modo a traçarem seus objetivos e planos. A própria formação da identidade perpassa a compreensão sobre o significado pessoal que cada um atribui aos diferentes componentes da vida e a centralidade que tais componentes psicológicos têm na imagem que as pessoas constroem sobre si mesmas (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020). Para estes autores, os adolescentes constroem sua identidade baseando-se em papéis e testando variadas personalidades para determinar quem são e como se enquadram no mundo além de si mesmos. Sabemos que os projetos de vida podem ser alterados, mudados, ajustados, foi o que aconteceu no grupo pesquisado, sendo passível de acontecer em todos os agrupamentos humanos e em todos os projetos de vida (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020).

Sabe-se, portanto, que os projetos construídos pelos/as jovens ao longo de sua trajetória de vida nem sempre são possíveis de serem executados e há frustração dos planos iniciais. No caso da formação escolar, o fracasso vem associado com a evasão que comumente ocorre em nossa sociedade por conta da dificuldade encontrada pelos discentes ao longo da trajetória escolar. Ao se tornarem adolescentes, estes/as jovens desistem facilmente do meio escolar ao surgirem as grandes dificuldades do aprofundamento do conteúdo. Além disso, a questão econômica torna-se muito relevante e a força de trabalho é vista como prioridade para algumas famílias (Osava *et al.*, 2022).

A Covid-19 trouxe várias mudanças no cotidiano da sociedade, especialmente pelo medo da doença e a necessidade de isolamento social, o que afetou os projetos de vida de todas as pessoas. Em muitos casos, a pandemia alterou o projeto profissional de tantos estudantes que tinham o sonho de se formar o mais rápido possível, conseguir um emprego e maior autonomia em seu cotidiano. Durante a pandemia, nos vimos obrigados a entrar em isolamento social como medida preventiva para a contenção da pandemia, o que modificou os espaços utilizados para estudo, trabalho, deixando os alunos com sérias dificuldades na aprendizagem (Saviani; Galvão, 2021).

“No “ensino” remoto ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários, etc.” (Saviani; Galvão, 2021, p. 42).

Os/as jovens rurais e seus projetos de vida também foram afetados, pois vários/as deles/as dirigem-se a instituições da área urbana ou em suas proximidades para estudar, qualificar-se e buscar uma melhor qualidade de vida, seja atuando no lugar onde moram, ou conseguindo outros tipos de emprego. Com a pandemia, muitos dos/as alunos/as matriculados/as, incluindo do nosso grupo da pesquisa, desistiram de seus cursos, voltaram para as propriedades rurais e abandonaram os estudos. Muitos deles e delas não voltando a estudar nem mesmo com o fim da pandemia, conforme dados verificados na pesquisa.

Além disso, no caso de jovens rurais, a construção social de suas juventudes tem por base estereótipos relacionados à vida no campo, em geral marcada por sinônimos como “atrasado”, “feio”, “matuto”, dentre outros (Santos; Luz, 2022). Refletir sobre jovens rurais não é tarefa fácil, visto que o segmento juvenil é comumente identificado a partir de representação dominante de juventudes, consubstanciada na compreensão urbana do que seja ser jovem.

A juventude não é exclusivamente a idade da vida, mas é uma categoria social hoje prejudicada nas relações com o mundo do trabalho e com as políticas de inclusão social, que depositam nas responsabilidades individuais as causas do fracasso, desconsiderando a influência dos mecanismos estruturais de produção das condições sociais (Stropasolas, 2006, p. 175).

Todas as atividades realizadas pela juventude, sejam elas no seu cotidiano ou voltadas para o lugar, são importantes para a construção dos projetos de vida, uma vez que ocorrem a partir de suas vivências no espaço em que moram. Por mais que, os/as jovens apontem para um futuro promissor, este futuro é moldado a partir de suas condições reais e concretas de existência (Lopes; Carvalho, 2016).

O projeto de vida quando se trata dos/as jovens rurais quase sempre é permeado de hereditariedade e influências do ambiente que viveram a maior parte de suas vidas. Cada sujeito tem uma forma muito particular de interagir com os contextos em que vive, articulando seus valores, interesses e vontades às possibilidades existentes para a construção do seu objetivo mais amplo (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2021).

Para a juventude, cujos pais desenvolvem atividades no campo, a condição de proprietários e de viverem na área rural representa uma forte influência na escolha do curso Técnico em Agropecuária, principalmente para os rapazes. Assim, família, lugar de origem (identidade) e possibilidades de empregabilidade na região são fortes motivos para a escolha do curso e, a essas características, se soma a oportunidade da formação profissional direcionada para as atividades rurais e a permanência no campo, no caso dos jovens rurais (Pereira; Souza, 2020, p. 9).

A forma como é gerenciado o processo sucessório na propriedade agrícola familiar, a posse e a alocação de dinheiro são fatores que explicam alguns dos descontentamentos que emergem dessa situação (Stropasolas, 2006). Mas, cabe ressaltar, que o papel do/a jovem rural, geralmente restringe-se apenas ao de agente produtivo na conservação e ampliação do patrimônio familiar. As ações de políticas públicas voltadas às juventudes rurais, em sua grande maioria, também caminham nessa direção, de colocar o/a jovem apenas no lugar de mantenedor da propriedade rural herdada pelos pais, e não de proporcionar a autonomia aos mesmos, dando-lhes acesso à terra, e ao crédito. E mais, tais políticas públicas negligenciam outros aspectos fundamentais da vida social desses/as jovens, justamente por só os enxergarem pela ótica do trabalho (Santos; Luz, 2022).

A situação de isolamento social restringiu ao ambiente domiciliar a vida de muitos, a jovem abaixo se sentiu muito isolada, mas para a segurança dos seus familiares ela se manteve em casa sem sair por muito tempo. Ela achou tão complicado o período de isolamento social da Covid-19. Segundo ela, ela entrou em depressão e na época, devido as suas dificuldades, optou por trancar o curso, voltando só no presencial:

Não tinha como. Não podia. E na hora que a gente saia, tinha que tomar o maior cuidado porque lá tinha muito caso. Muita morte. Como eu era bastante preocupada porque meu irmão tem certos problemas de saúde e, também tinha minha avó lá em casa, que já era idosa (Moça, 18 anos, participante da pesquisa).

Diante desse quadro, Miranda e Lima (2022) afirmam que a pandemia acabou modificando os planos de vida de muitas pessoas, pois muitos estudantes ao verem as escolas de portas fechadas, se sentiram excluídos ou mais distantes da aprendizagem escolar e os efeitos desse processo permanecem, ainda, nos dias de hoje. Além disso, a restrição do convívio com os colegas e amigos fez os/as jovens diminuírem suas interações sociais e estas passaram a ser realizadas somente por meio online.

A pandemia trouxe prejuízos incontáveis ao sistema educacional do País. Os autores destacam que houve perda de aprendizagem expressas nas avaliações (Saviani; Galvão, 2021). Precisamos encarar a situação do jeito que ela é para poder construir as soluções, ou seja, é preciso recuperar o tempo perdido e auxiliar os alunos a adequarem sua aprendizagem e a amenizar as dificuldades que se implantaram durante a pandemia (Lima; Paiva; Goulart, 2021).

No espaço rural, os/as jovens são os mais expostos aos danos causados pela pandemia, pois houve diminuição das relações de contato com os jovens da comunidade. No que se refere à educação, a pandemia só veio reforçar as desigualdades, o quanto a realidade

educacional da zona rural é excludente para com as populações mais pobres. Com o fechamento das escolas e a paralização das aulas presenciais, se iniciou um novo processo na educação brasileira, as aulas remotas, deixando evidente essas desigualdades (Santos; Luz, 2022).

As aulas remotas afetaram a todos os discentes, principalmente àqueles que não tiveram estrutura adequada para continuar os estudos. A maioria das instituições públicas que adotaram o sistema não puderam fornecer condições adequadas a todos, sendo privilegiados os alunos que dispuseram de infraestrutura adequada, muitos não tinham *internet* e os equipamentos essenciais. A pandemia da Covid-19 escancarou as diferenças sociais ao demonstrar que alguns poderiam fazer o isolamento social, trabalhando e seus filhos estudando no conforto do lar. Outros, como alguns participantes desta pesquisa relataram que para ajudar na manutenção das despesas do lar, tiveram que abandonar os estudos durante o período da pandemia da Covid-19, conforme a fala abaixo:

“Tinha a internet da minha mãe, no celular dela. Não tinha computador. Só no celular. As tarefas eram todas no celular. Tinha tarefa escrita. Aí eu fiz lá, um mês só. Aí eu tranquei depois de seis meses. Não dava jeito, realmente eu tinha que ajudar a manter a casa” (Rapaz, 20 anos, participante da entrevista).

O aluno acima já havia parado de estudar anteriormente para ajudar em casa. Isso fez com que ele se atrasasse e com a pandemia, ele teve que parar novamente. O encontramos cursando o terceiro ano em 2023. Segundo ele, a mãe insistiu que ele voltasse quando tudo se normalizou. Disse que pensou em não voltar, mas acabou cedendo e estava muito feliz por estar terminando.

A necessidade de isolamento social criou situações que propiciaram o estresse e a ansiedade, o que acabou por comprometer a saúde mental dos educadores e, também dos estudantes que sofreram com a pressão escolar durante o período da pandemia. Esse processo causou sofrimento psíquico e contribuiu para o desenvolvimento de sintomas, que colocaram em xeque a estabilidade emocional dos estudantes. Os mais evidentes são irritabilidade, apatia, mau humor, desinteresse pela escola e problemas de concentração (Avanci *et al.*, 2007).

Eu tenho ansiedade desde os meus 13 anos. Comecei a beber remédio novinha para controlar mais. Só que eu resolvi parar, por conta que não tava funcionando. E era bastante forte pra mim também. Por conta de que minha ansiedade era bastante forte, aí eu resolvi parar. Porque se eu passasse um dia sem o remédio, eu já ficava mal. Então eu estava dependente do remédio. Então eu resolvi parar de vez, porque eu tô bastante nova. Estou me esforçando pra me manter sem o remédio (Moça, 18 anos, participante da entrevista).

Encontramos a aluna acima sem tomar remédios para a ansiedade. Segundo ela, depois do retorno as aulas estavam tentando deixar de tomá-lo, pois, ele a deixa mais lenta. Ela se cobra bastante pelo que nos disse, e esse é o motivo principal da ansiedade.

Com a saúde mental debilitada, não é possível a ninguém se concentrar em atividades educacionais. Durante o período da pandemia, com o isolamento social, nem todos os/as discentes conseguiram continuar os estudos. Muitos deles/as relataram informalmente a necessidade de trabalho, outros tiveram problemas como ansiedade e depressão agravados pela situação. Com isso, a evasão e o fracasso foram causados também devido a esses fatores.

Meu irmão continuou, mas eu online assim, não consegui. Comecei e não consegui acompanhar, tava com um desenvolvimento muito ruim. Não tava conseguindo acompanhar as aulas, era muita coisa. Eu tava muito sobrecarregada. Vivia em casa 24h, então tava muito ruim, porque eu não saía nem na porta de casa (Moça, 18 anos, participante da entrevista).

A entrevistada afirmou que possuía recursos tecnológicos em sua casa, o que a auxiliou no período da pandemia. Essa realidade é diferente da maioria dos estudantes das escolas públicas brasileiras, como apontado por Petersen, Meneghel e Rausch (2023), que relataram o fato de que a maioria das instituições de ensino e dos professores estavam distantes dos recursos tecnológicos, sendo assim a aplicação das metodologias de ensino e aprendizagem necessários ao ensino remoto tornou-se um desafio. No caso das famílias, a maioria delas não possuía infraestrutura para auxiliar nos estudos de crianças e jovens e isto não apenas recursos tecnológicos, mas também familiares, visto que muitos não tinham conhecimentos necessários para auxiliar os estudantes em casa.

A participante da pesquisa chama a atenção para sobrecarga emocional gerada pela pandemia sobre as pessoas, o que fez com que ela mesma se sentisse mal e não conseguisse dar continuidade ao curso. Essa situação é descrita, também, por Miranda e Lima (2022) ao considerar que, mesmo aqueles que não evadiram da escola, tiveram muitas dificuldades no período da pandemia, visto que nem todos eles e elas conseguiram aprender nas aulas *online*, ou não tinham o mesmo acesso às tecnologias ou tiveram uma aprendizagem muito mais limitada, por fatores diferenciados.

Nossa, eu me cobrei bastante. Nossa, eu já chorei noites e noites, sabe, pensando nossa já era pra eu ter terminado. Muita gente já tá na faculdade ou eu podia estar trabalhando como técnica em algum lugar, em alguma empresa (Moça, 18 anos, participante da entrevista).

Em muitos casos, Scoz (2013) considera que o fracasso e evasão escolar são frutos do próprio ambiente familiar, considerando que muitas famílias são responsáveis pelo insucesso

do aluno, pois também possuem relação direta com seu bem-estar emocional e com sua aprendizagem. No caso da pandemia da Covid-19, a discrepância social existente nas casas brasileiras ficou evidente, com os pais trabalhando em casa juntamente com os/as filhos/as estudando. A convivência em tempo integral fez com que o adoecimento mental por tentar suprir todas as necessidades foi muito grande.

Toda essa situação afetou a saúde mental de vários estudantes por todo o mundo, assim como considera Avanci *et al.* (2007), ao afirmar que, a saúde mental dos estudantes ficou comprometida, gerando em muitos casos, o desinteresse pela escola e perda de rendimento na aprendizagem, o que fez com que muitos evadissem.

Uma das discentes que desistiram do curso, afirmou por meio dos relatos informais que iniciou o curso, porém tendo que voltar para casa, com um quadro de depressão que se agravou durante a pandemia da Covid-19, não conseguiu retornar aos estudos, optando por trabalhar e estudar em outra Instituição. Esses desafios dificultavam o acesso à Instituição de ensino, porém, ficar sem estudar gerou impactos ainda mais negativos sobre a vida dos alunos. Saviani e Galvão (2021) afirmam que, serão necessários anos para que haja a recuperação da aprendizagem dos/as alunos/as em diferentes áreas do conhecimento e em muitos casos, aguçou-se ainda mais as desigualdades regionais.

4.2 O curso Técnico em Agropecuária no contexto da Pandemia a Covid-19

O IF Goiano – Campus Urutaí possui o ingresso anual de cerca de 120 discentes no curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, porém muitos destes discentes não chegam a concluir o primeiro ano. Os índices de fracasso e evasão, antes mesmo da pandemia da Covid-19, demonstravam que mais de 50% dos discentes não concluíam o curso (Osava *et al.*, 2022). Na pandemia da Covid-19, os Institutos Federais de Ensino em todo o Brasil aderiram às aulas remotas, o que impactou a vida dos estudantes e dos professores (Saviani; Galvão, 2021). Este impacto pode ser avaliado por meio das falas dos discentes que participaram desta pesquisa, que demonstraram o quanto o ensino remoto foi prejudicial para a formação educacional dos jovens.

Osava *et al.* (2022) explica que os/as jovens rurais, muitas vezes, buscando a formação para a continuidade das atividades familiares, buscam um ensino profissionalizante e estão, em sua maioria, procurando transformar suas vidas (financeiras, emocionais e psíquicas). Ao

buscar a escola estes indivíduos deparam-se com mais do que uma formação profissional, mas com relações sociais diferentes das então vivenciadas. A escola representa um contexto social, em que são utilizados instrumentos para incrementar o capital cultural dos indivíduos, sendo que este é tão útil quanto o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais (Bourdieu, 2009).

No caso da educação técnico-profissional para o mundo rural, o processo de apoio à aprendizagem pode contribuir no fortalecimento das identidades rurais dos/as jovens ao integrá-las à vida profissional, assim como nas novas significações da ruralidade dos/as jovens, com uma (re)valorização das características socioculturais e estéticas da vida no campo (Pereira; Souza, 2020). Porém, esta lógica nem sempre atinge de forma igualitária a todos os discentes, sendo que, em alguns momentos uma formação precária das séries iniciais pode acarretar dificuldades e uma sensação de fracasso por parte dos/as alunos/as, quando estes passam a frequentar o ensino médio profissionalizante. Em alguns casos, esse sentimento gera várias tentativas de conclusão ou, até mesmo levando a evasão escolar.

Miranda e Lima (2022) afirmam que a evasão escolar no Brasil é provocada por uma multiplicidade de fatores, entretanto, com o advento da pandemia da Covid-19 foi observado um aumento no percentual de estudantes evadidos em todo território nacional. Nesse sentido, o fenômeno da evasão escolar deve ser entendido como algo complexo, já que nem todos os alunos e alunas abandonam a escola pelo mesmo motivo, contudo são influenciados por razões diferenciadas e é inegável que a pandemia afetou todos os setores sociais.

Foram nítidas as dificuldades dos/as alunos/as em continuar no curso dentro das expectativas. Logo após o retorno, no final da pandemia foi realizado um levantamento junto a secretaria onde foi constatada a evasão geral no ensino médio que vem seguindo desde 2021. O IF Goiano – Campus Urutaí recebeu menos alunos após o fim da pandemia da Covid-19 do que recebia antes, até mesmo os alojamentos de residentes, ainda não voltaram ao número normal de antes do início. Espera-se que retorne ao número de antes, no ano de 2024.

A evasão escolar observada durante a pandemia da Covid-19 no IF Goiano – Campus Urutaí, quando se analisa a questão dos/as jovens rurais, demonstrou que muitos deles e delas retornaram ao mundo do trabalho, mesmo sem a especialização que seria teriam com o título de “Técnico em Agropecuária”. Petersen, Meneghel e Rausch (2023) lembram, porém que, o problema da evasão escolar já existe no Brasil há séculos e por motivos diferenciados o “direito de todos à educação” não tem sido efetivado e as desigualdades de acesso e permanência a escola continuam.

Apesar das incertezas de muitos jovens quanto ao seu futuro, essas incertezas demonstram ser ainda maiores entre os jovens rurais brasileiros, tendo em vista a lógica que vem sendo adotada pelos IFs no processo seletivo para o Curso Técnico em Agropecuária e na permanência dos jovens nas instituições pesquisadas, ao não levar em consideração as suas condições de vida, a sua identidade rural e as suas necessidades de trabalho e renda (Pereira; Souza, 2020, p. 17).

Mesmo o Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí oferecendo o Curso de Agropecuária, cujo objetivo é profissionalizar os jovens da zona rural e prepará-los para o trabalho, a pandemia não afetou apenas esse público, ao contrário, quando analisado o público que cursava “agropecuária” no IF em 2020, observava-se que eram cerca de 142 alunos matriculados e entre eles havia somente 19 oriundos da zona rural. Dos 142 alunos que ingressaram em 2020, foi possível encontrar depois da pandemia de Covid-19, em novembro de 2021, apenas duas turmas uma com 23 alunos e outra com 28.

O período da pandemia foi marcado pela falta de acesso a tecnologias, por relações familiares muito difíceis, por professores que não conseguiam contato com os pais, baixa escolaridade de muitas famílias, a exposição dos alunos a violência, tanto física, como psicológica e sexual, na falta de qualificação de muitos docentes em lidar com as aulas online e adaptar os conteúdos (Tristão; Valente, 2023).

Dos 18 alunos residentes na zona rural, seis concluíram no tempo certo, ou seja, no tempo estimado de três anos, em 2021. Desses, quatro participaram das Rodas de Conversa e afirmaram que prosseguiram com os estudos na modalidade *online* (dados obtidos junto ao Registro Escolar). Afirmaram terem ficado devendo matérias, ou terem buscado participar junto a outras turmas das aulas práticas, que consideravam indispensáveis serem cursadas de forma presencial e ainda tiveram dificuldades ao longo do percurso para terminar o curso. Relataram também que, muitos dos colegas acabaram desistindo do curso pelas dificuldades em precisar trabalhar, morte de amigos e falta de condições para acompanhar os estudos remotamente.

Quando eu vim pra cá, viemos muitos da turma, então tinha muitos conhecidos, 7 anos todos juntos. Aí, na pandemia, eu perdi um colega que estudava com a gente, sofreu um acidente de moto, faleceu. Os demais, muitos desistiram do curso, parou, não quis vir mais, trancou, desistiu do curso. Dos 8 colegas que começaram, sobrou só eu (Rapaz, 18 anos, participante das rodas de conversa).

Conheço pessoas demais que desistiram. Na minha cidade mesmo, teve um que veio pra cá, no mesmo ano que eu, aí ele trancou, não conseguiu ficar aqui e foi embora. E nem voltou mais (Rapaz, 20 anos, participante da entrevista).

Dos/as alunos/as que retornaram após a pandemia, quatro ainda se encontram cursando o ensino médio, três deles e delas estão no segundo ano, uma cursa na modalidade

concomitante (Técnico em Agropecuária no IF Goiano – Campus Urutaí e Ensino Médio na cidade) e dois acabaram por desistir: um em 2021 mesmo e uma em 2022, após reprovar novamente. Desse total, dois discentes participaram de entrevistas e falaram das dificuldades que tiveram na aprendizagem, dos motivos para interromper o curso, trancar e do quanto a pandemia interferiu na sua aprendizagem e como foi o tempo da pandemia, os desafios que as famílias enfrentaram e o ensino *online*:

Fui embora lá pra onde eu moro. Cheguei lá, eu fui trabalhar. Lá em casa sempre foi 10 pessoas, no caso, mais uma que foi morar com a minha mãe, porque não dava certo com a família. Aí nois foi trabalhar. Só ficava 5 pessoas em casa. O restante tinha que trabalhar. Porque muita gente. Trabalhava normal. Aí na pandemia, eu tava indo trabalhar. Chegava em casa e ia fazer as atividades. Tinha vezes que dava certo de fazer, tinha outras vezes que não dava. Só tinha a internet da minha mãe, no celular dela. Aí, Tinha tarefa escrita. Aí eu fiz lá, um mês só. Aí eu tranquei depois de seis meses. Não dava jeito, realmente eu tinha que ajudar a manter a casa. Eu trabalhava avulso mesmo, como diarista (Rapaz, 20 anos, participante da entrevista).

Em conversa informal com os/as alunos/as, mesmo antes do levantamento de dados, eles e elas comentavam que muitos colegas haviam deixado de estudar e nessas conversas ao serem questionados os motivos, dentre eles estavam a volta para suas residências em locais mais distantes e as dificuldades para vir novamente ao final da pandemia. Muitos desistiram por não conseguirem estudar remotamente, por falta de acesso à *internet*, pela falta de equipamentos, por precisarem trabalhar para ajudar nas despesas familiares e outros ainda por não conseguirem entender os conteúdos trabalhados.

Nessa realidade, a saúde física e mental andam juntas e o prolongamento do confinamento agiu sobre os dois aspectos dos estudantes que vivenciavam o medo da doença, a falta de espaço e de recursos para a educação. Ainda hoje é preciso agir de forma a “minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes, o que exige agir sobre questões como estresse, depressão e tantos outros problemas que surgiram do confinamento” (Maia; Dias, 2020, p. 6).

4.3 Os Novos Projetos de Vida dos Jovens Rurais no Pós-Pandemia da Covid-19

Falar sucesso ou fracasso seria um eufemismo, já que em conversas com os/as alunos/as pesquisados/as do curso de Agropecuária do IF Goiano que desistiram, cada um/a considera a desistência a sua maneira, já que os motivos são diferentes, variando por motivos pessoais e familiares, uns com pesar, já que não queriam desistir, mas não tinham como continuar, outros/as com certo alívio e para outros foi indiferente. Os/as que conseguiram

iniciar, não conseguiram acompanhar as aulas *online* e optaram por cursos com menor duração.

Na agricultura familiar, as crianças aprendem a conviver com a realidade do trabalho desde muito pequenas, associando trabalho e manifestações lúdicas. São estimuladas a incorporar uma ética em que o trabalho tem um valor relevante como base da subsistência, como meio privilegiado de ganhar a vida e de honrar seus compromissos (Stropasolas, 2006, p. 210).

Um dos jovens pesquisados entrevistado por telefone, informou que já trabalhava na área agrícola com maquinários antes mesmo de se matricular no curso e, com a pandemia da Covid-19, voltou para sua antiga atividade que ele afirmou gostar muito e os rendimentos serem bons. Tristão e Valente (2023) afirmam que não foi apenas o fracasso escolar o reflexo da pandemia, mas a exaustão dos profissionais, já que muitas famílias acreditavam que eles deveriam estar disponíveis o tempo todo para suas dúvidas e necessidades.

Compreender o que são e como se constroem os projetos de vida é tarefa complexa do ponto de vista pessoal e social, com forte impacto nas decisões de caráter profissional, sendo importante nunca dissociar sua repercussão e seu impacto na vida pessoal, social e profissional dos indivíduos (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2021). Nesse contexto, confirmamos através da pesquisa que a pandemia da Covid-19 determinou a mudança de rumos nos projetos de vida dos/as jovens rurais que estudavam no IF Goiano – Campus Urutaí.

Num relato informal, os discentes que evadiram demonstraram que a necessidade de recursos retira de muitos/as jovens a possibilidade de projetar suas vidas dentro de instituições educacionais, com tempo para executar seus próprios projetos. Assim, começam a trabalhar e não mais retornam às salas de aula, deixando sua formação incompleta e abdicando de uma possibilidade de exercer um trabalho mais especializado no futuro, mas o apoio familiar é determinante na decisão desses/as jovens, como no caso a seguir:

Só voltei no presencial. Eu pensei em largar, aí minha mãe ficou falando pra eu não largar e tal. Ficou me motivando a voltar, aí eu peguei e voltei (Rapaz, 20 anos, participante de entrevista).

Retomar os estudos após o período da pandemia foi muito difícil para muitos estudantes. Os projetos de vida se alteraram pelo contexto vivenciado e muitas vezes resultante não somente do atraso em concluir o curso, mas também pelo amadurecimento ocorrido entre a entrada no curso e o momento atual. Os/as jovens rurais pesquisados pretendiam se formar como Técnicos em Agropecuária, porém com a pandemia, muitos deixaram o campo em prol de se mudarem para os centros urbanos em busca de

oportunidades. Vislumbram possibilidades de desenvolvimento econômico para além da propriedade rural.

Eu pretendo fazer Veterinária aqui no IF e se caso não der certo aqui, eu pretendo fazer perícia criminal lá em São Paulo, porque eu gosto bastante dessa área. Eu tenho tios que trabalham com isso. E se não der certo aqui eu pretendo ir pra São Paulo (Moça 18 anos, participante da entrevista).

Senti dificuldade demais. Igual eu falei: aqui o ensino é muito diferente né. Totalmente diferente. Então assim, os meninos que estudaram na cidade mesmo, escola estadual da cidade, acho que eles aprenderam mais coisa, tiveram um ensino bem melhor do que o meu. Porque, quando eu cheguei aqui, tipo assim, eu fiquei prestando atenção. O professor pergunta alguma coisa, eles têm mais facilidade de responder, fazer mais rápido. Então, eu penso que se o meu estudo fosse mais aprofundado igual o deles, eu teria menos dificuldade (Rapaz, 20 anos, participante da entrevista).

É possível observar que a pandemia realmente afetou a vida dos/as alunos/as, das famílias, seus projetos e sonhos. Essa situação também é descrita por Miranda e Lima (2022, p.08) ao afirmarem que “além da questão da conectividade, a pandemia gerou uma outra problemática: “muitos alunos deixaram de estudar para trabalhar” e isto intensificou-se porque muitas famílias tiveram suas rendas afetadas durante o período da pandemia e na zona rural não foi diferente.

Um dos participantes da pesquisa quando questionado sobre morar no campo, ressalta que gosta muito e que se tiver oportunidade ficará, como pode ser observado na seguinte fala:

Tenho, gosto bastante. Eu prefiro Zona Rural que cidade, sabe. É mais calmo, eu gosto de ficar em contato com a natureza, eu gosto de sentir aquele cheirinho bom, sabe (Moça, 18 anos, participante da entrevista).

Assim, dependendo do meu estudo aqui, quando eu me formar, aí seu arrumar um serviço perto lá, eu não quero me mudar de lá não. Quero morar lá em casa mesmo (Rapaz, 20 anos, participante da entrevista).

Diante de todos esses relatos, analisar os discursos e as realidades dos/as alunos/as em situação de abandono ou evasão no contexto de pandemia, nos levaram a perceber que as dificuldades se ampliam mediante um quadro já fragilizado de acordo com as realidades enfrentadas por eles e elas. Antes mesmo do início da pandemia, já havia dificuldades dos alunos/as da zona rural em ter acesso a instituições de ensino, as distâncias a serem percorridas, a necessidade de trabalharem para auxiliar suas famílias e tudo se potencializou, bem como todas as dificuldades por ela criadas, escancarando assim as diferenças existentes em nossa sociedade.

Como observamos, no estudo em geral sobre jovens, é possível constatar que o tempo passa a tecnologia avança, porém geralmente no meio rural com a necessidade das famílias a maior parte dos/as jovens trabalham desde crianças, começando por ajudar em pequenas tarefas, por menor que pareça a contribuição, ela é importante e faz falta, quando esse/a jovem precisa deixar o lar para dar continuidade aos estudos, Stropassolas (2006), deixa bem claro:

A partir da demanda criada pelas expectativas de formação escolar e profissional dos jovens, passam a surgir conflitos quanto à saída para estudar, pois esse fato implica do tempo de retirada dos filhos(as) da propriedade dos pais, passando a gerar um conflito entre as decisões de priorizar os estudos ou o trabalho (Stropasolas, 2006, p. 290).

Além disso, a questão da complexidade em sair ou permanecer no campo, algo já apontado em várias pesquisas, o/a jovem precisa de escola, segundo Araújo, Arantes e Pinheiro (2020) que trabalhem de forma coerente com engajamento, baseados em projetos com sentido ético, para adquirirem não só conhecimentos, mas desenvolvendo suas capacidades, habilidades e experiências. Sobretudo, fortalecendo o autoconhecimento, a autoconfiança para assim, prepararem esses/as jovens para as dificuldades que parecem se acirrar com o advento da pandemia, pois as oportunidades de trabalho parece estimular os/as jovens a saírem, apesar de muitos afirmarem ainda preferirem o campo como local de morada ou mesmo de trabalho.

5 CONCLUSÃO

Dentro do seu papel de preparar homens/mulheres para o exercício consciente da cidadania baseado na participação responsável de todos os seus membros, fazendo com que cada um tome os seus destinos nas mãos, contribuindo para seu progresso e da sua comunidade. Esse trabalho buscou enfatizar e compreender de que maneira a pandemia de Covid-19 afetou a formação dos alunos rurais do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí.

Diante de tantos desafios que se apresentados diariamente no contexto da educação brasileira, ainda surgem os inesperados como a pandemia que trouxeram mudanças em várias áreas, inclusive na Educação, alteraram tudo que nossos/nossas educandos/educandas estavam

acostumados. Trazendo um cenário de paralisação do mundo, onde todos se viram de pés e mãos atadas, sem nada a fazer a não ser parar, se isolar e esperar passar.

Mas, como nem tudo na vida é de todo ruim, olhando em aspectos gerais ao pesquisar, estudar e analisar todos os fatos, pudemos observar que foi o advento da pandemia que nos trouxe algo muito positivo. No caso dessa pesquisadora, me levou a estudar e tentar o Mestrado e com isso a viver tantos momentos marcantes, inesquecíveis, em especial rever sobre outra óptica lugares, modos de se viver, pessoas que trouxeram sua forma de enxergar a vida e os fatos da vida rural. No decorrer do tempo e da história é interessante como as atividades e lugares se parecem, mas a forma de vivenciá-los traz uma nova roupagem nos muitos desafios que os jovens continuam enfrentando.

Esse trabalho de pesquisa buscou observar os esforços dispendidos por todos os envolvidos no processo educativo que engloba a escolarização em todos os seus aspectos teóricos e práticos. No ensino médio tem um aspecto importante que é o fortalecimento do autoconhecimento do/a aluno/a, que o ajudará no estabelecimento das metas, na solução e viabilização da construção do projeto de vida. Uma etapa importante no estudo foi a observação dos projetos de vida e suas alterações com a chegada da pandemia de Covid 19, outro aspecto significativo foi conhecer os esforços dispendidos para que o curso não parasse, evitando assim maiores perdas. Estudamos e analisamos todos os dados obtidos quer via *internet*, diretamente no SUAP e na secretária e ainda os obtidos por meio das rodas de conversas e questionários, a observação dos dados foi fidedigna. O estudo criterioso de todos os dados foi para compreender o que realmente aconteceu e como foi a vivência para os/as adolescentes do tempo da pandemia, da paralisação das aulas. O intuito foi entender como os adiamentos ou interrupções dos projetos de vida, quer devido a necessidade de se dedicarem ao trabalho para auxiliar a família, quer pelas dificuldades de acesso à *internet*, pela falta dos equipamentos necessários e demais processos envolvidos para o acompanhamento das aulas nas comunidades rurais onde residem. O estudo objetivou ainda, ver como foi para eles/elas o tempo da pandemia, de como esse tempo afetou a vida de todos/todas, tanto nos aspectos escolares, familiares e no direcionamento dado pelas famílias para a continuidade do processo educativo ou da necessidade de buscar trabalho para ajudar na manutenção das despesas familiares.

Foi possível observar, conversar e até discutir sobre os desafios diante do mundo do século XXI. Ainda hoje, a grande maioria dos/as jovens rurais começam a contribuir com pequenas tarefas muito cedo e conforme vai crescendo, crescem também as responsabilidades

e compromissos nos trabalhos que a família desenvolve para a subsistência, trabalhar faz parte da vida e dos dias desses/as jovens. Para os pais, o fato deles se ausentarem para estudar é muito difícil, pois, com a escola um pouco mais perto os filhos estudando um período, ainda sobra tempo para realizar muitas atividades.

Quando começam o Ensino Médio, as escolas a oferecer essa etapa. Normalmente ficam mais distantes de casa, o que os leva a se mudarem para perto da escola e se ausentar da família, deixando de contribuir com o trabalho, ou mesmo passar a maior parte do dia na escola, nas atividades pertinentes a ela e no deslocamento. Assim, além dos custos com os estudos dos filhos que mudam e se tornam mais dispendiosos, ainda tem o fato deles nunca ou quase nunca terem tempo para as atividades que faziam ajudando no trabalho.

Muitos dos alunos e alunas participantes da pesquisa viviam essas questões, quase todos trabalhavam para contribuir com a renda familiar, mesmo que só ajudando nas atividades produtivas que traziam os meios de subsistência da família. Com a pandemia, eles e elas deixaram os estudos e voltaram para casa para contribuir nos trabalhos e até mesmo a arrumar trabalho fora da propriedade, para levar dinheiro para casa, visto que em muitos casos era mais fácil para eles e elas, porque a família o considerava como mais jovem e forte, podendo ser mais resistente a doença.

Objetivando os fatos, sabemos que, por vários motivos, muitos dos/as nossos/as alunos/as desistiram, trancaram e outros optaram por continuar e concluíram. Mas diante do inevitável, a ligação mundial via *internet* foi fundamental para continuarmos. Ela permitiu às escolas manter as aulas e o vínculo com os/as alunos/as, mesmo que só em aspecto teórico, com a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo Coronavírus. Instituições educacionais precisaram suspender as aulas presenciais. Muitos dos/as jovens pesquisados não conseguiram prosseguir com os estudos durante a pandemia e muitos foram os fatores a contribuir com as mudanças nos projetos de vida.

Foi possível observar que as incertezas dos/as jovens rurais quanto ao seu futuro depois de terem vivenciado a pandemia para muitos continuam, sejam elas no âmbito familiar, educacional ou profissional, sobretudo é possível observar que em acordo com alguns significados de projeto de vida que é propósito, sentido, objetivo, finalidade, o que se pode observar que ele deve ter estabilidade, porém mesmo assim poder sofrer alterações e ajustes (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020).

Sendo assim, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para aprofundar as discussões e reflexões acerca do que foi a pandemia de Covid-19, das dificuldades e

defasagens do ensino remoto, de como foi esse tempo para os seus estudantes. Temos a certeza de ter realizado o nosso maior objetivo que era o de deixar registrado os acontecimentos, efeitos, consequências e mudanças nos projetos de vida que a pandemia trouxe para os/as alunos/as.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; NAVARRO, Z. **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2015.

ANDRADE, C. C. M. **Projetos de vida de jovens rurais estudantes do IFRN**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

ANJOS, T. R. **Projeto de vida e ENEM**: uma análise do questionário socioeconômico e suas implicações para o ensino médio. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

ARAÚJO, E. B.; LIMA, A. M. O estado da arte sobre evasão escolar nos institutos federais: uma contribuição para a construção de saberes e práticas. **Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 26, p. 67, out. 2021.

ARAÚJO, G. **Os desafios da educação em tempos de pandemia**: a cruel pedagogia do vírus. [S. l.]: IFGoiano, 2022.

ARAÚJO, U. F.; ARANTES, V.; PINHEIRO, V. **Projetos de Vida**: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais. São Paulo: Summus, 2020.

AVANCI, J. Q.; ASSIS, S. G.; OLIVEIRA, R. V.; FERREIRA, R. M.; PESCE, R. P. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 287-294, jul./set. 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOUTINET, J. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOZKURT, A.; SHARMA, R. C. Emergency remote teaching in a time of global crisis due to CoronaVirus pandemic. **Asian Journal of Distance Education**, New Delhi, v. 15, n. 1, p. 1-6, 2020.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 11, de 07 de julho de 2020**. Brasília, DF: CNE, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2019/05/PARECERVolta-%CC%80s-aulas-V5-MH.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

BRITO, S. B. P *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004.

BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; NAVARRO, Z. **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 35., 1998, Natal. **Anais [...]**. Natal: [s. n.], 1998.

CARNEIRO, Maria José. Juventude Rural: projetos e valores. *In*: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005. p. 243- 262.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, E. G. Vencendo a invisibilidade. *In*: CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S. L. F.; RODRIGUES, M. E. B.; CARVALHO, J. G. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Seropédica: EDUR, 2009.

CLAUDINO, L. S. D. Impacto dos primeiros meses da pandemia Covid-19 sobre a agricultura familiar do Pará e como a agroecologia pode apoiar sua superação. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 40-54, 2020.

CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 23., 1998, Natal. **Anais [...]**. Natal: [s. n.], 1998.

DEBESAITIS, E. **Idas e vindas ao meio rural**: sucessão familiar. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande de Sul, Três Passos, RS, 2013.

FERRARI, D. L.; ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A.; TESTA, V. M. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 237-271, 2004.

FERRARI, Maristela. As Noções de Fronteira em Geografia. **Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 9, n. 10, p. 22, jul. 2014.

FLORES, M. Assistência técnica e agricultura familiar. *In*: LIMA, D. M. A.; WILKINSON, J. **Inovação nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPq./Paralelo. 2002.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

GALLO, S. Subjetividade, Ideologia e educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 133-152, jan./jun. 1998.

GATTI, Bernardete A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **SciELO**, São Paulo, v. 34, p. 29-41, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7M6bwtNMyv7BqzDfKHFqxh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GRIMLEY, N.; CORNISH, J.; STYLIANOU, N. Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. **BBC News**, 5 maio 2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>. Acesso em: 9 ago. 2023.

GROSSI, M. E. Del; SILVA, J. G. **Novo rural**: uma abordagem ilustrada. Londrina: IAPAR. 2002.

GUIMARAES, S. M.; QUIRINO, R. A divisão sexual do trabalho e as relações de gênero no meio rural. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11.; CONGRESSO MUNDIAL DAS MULHERES, 13., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n.], 2017. p. 1-12.

HIRATA, H. S. Novas Configurações da divisão Sexual do Trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

IF GOIANO – Campus Urutaí. **Histórico**. 17 jun. 2015. Disponível em: <https://ifgoiano.edu.br/home/index.php/historico-urutai.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

KLEIN, A. M.; ARANTES, V. A. Projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio e a escola. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 41, n. 1, p. 135-154, 2016.

LIMA, E. B.; PAIVA, S. C.; GOULART, J. C. Ensino a distância frente à pandemia COVID-19. **Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 7, n. 1, p. 20-31, 2021.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de. *et al.* A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33-50, jan./jun. 2017.

LIMA, N. T.; BUSS, P. M.; SOUSA, R. P. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, p. 1-4, 2020.

MACHADO, A. P.; MALAGOLLI, G. A. Os impactos da pandemia do Covid-19 no Agronegócio Brasileiro. **Interface Tecnológica**, Taquaritinga, SP, v. 18, n. 2, p. 500-512, 2021.

MACHADO, N. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2006.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da Covid-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, SP, v. 31, n. 1, p. e200067, 2020.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTELETO, R. M.; PIMENTA, R. M. **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das Agriculturas do Mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Editora UNESP, 2010.

MENEZES, A. E.; SOUZA, B. S.; PEREIRA, V. S. S. Perspectivas de juventude rural no ensino superior. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”*, 6., São Cristóvão, SE, 2012. **Anais [...]** São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2012.

MIRANDA, M. E. F.; LIMA, I. B. Pandemia da Covid-19 e a evasão escolar no ensino médio: quais as causas? *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 8., Pernambuco, 2022. **Anais [...]** Pernambuco: Editora Realize, 2022. p. 1-13.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 1-18, abr. 2006.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A REINVENÇÃO DA RODA: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, Paraíba, v. 15, n. 5, p. 24-35, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448/414>. Acesso em: 12 mar. 2024.

OLIVEIRA, W. M.; VIEIRA FILHO, J. E. R. V. A sucessão familiar no setor agropecuário. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, v. 122, n. 2, p. 122-135, 2019.

OSAVA, C. F.; GONÇALVES, J. M.; MOREIRA, M. A. P.; CARVALHO, L. A.; SOUZA, L. M. Fracasso escolar: quando a escola não é capaz de incluir o educando. In: CAVALCANTE, F. C.; DINIZ, J. P. A.; DIAS, M. A. H.; MONTEIRO, V. F. C. **Permanência e êxito no IF Goiano: ações para intervenção e monitoramento da evasão e retenção**. Rio Verde: IF Goiano, 2022. p. 472- 493.

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. **Juventude Rural: para além das fronteiras entre campo e cidade**. 2004. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Agricultura, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes; SOUZA, Fátima Cruz. Formação de Técnico em Agropecuária no Brasil e na Espanha: projetos de vida da juventude rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, DF, p. 1-19, 2020.

PEREIRA, M. D. *et al.* The Covid-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, v. 9, n.7, p. 1-35, 2020.

PETERSEN, A. S.; MENEGHEL, S. M.; RAUSCH, R. B. Pandemia e fracasso escolar. **Imagens da Educação**, Maringá, PR, v. 13, n. 1, p. 120-135, jan./mar. 2023.

PLEIN, C. **As metamorfoses da agricultura familiar: o caso do município de Iporã d'Oeste**, SC. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUIRINO, R. **Mineração também é lugar de mulher!** Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

REZENDE, J. M. As Grandes Epidemias da História. In: REZENDE, J. M. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. São Paulo: Editora FAP; Unifesp, 2009. p. 73-82.

ROCHA, A. P. S. **Sucessão familiar no meio rural: uma abordagem teórica**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Ciências Contábeis, Universidade de Rio Verde, Rio Verde, 2017.

RODRIGUES, D. S.; MELO, M. L. Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental. **Educação**, Santa Maria, v. 45, n. 1, p. 1-22, 2020.

SANTOS, J. D.; VIANA, G. **Sucessão na agricultura familiar: êxodo rural x sucessão rural**. Disponível em: https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/CORRE_O_FINAL_FINAL_ARTIGO_PARA_ENTREGA_JUCEMAR.pdf. Acesso em: 9 ago. 2023.

SANTOS, P. M. G. **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

SANTOS, R. M.; LUZ, L. C. X. Resistências juvenis num vale de esperanças: o enfrentamento a pandemia de COVID-19 por jovens de assentamento rural em Teresina-PI, frente às fragilidades das políticas públicas. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 8, p. 57277-57297, 2022.

SANTOS, W. M.; FERNANDES NETO, I. P. Os desafios do ensino remotos tempos pandêmicos: o uso das tecnologias digitais como recurso pedagógico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. 1-12, 2021.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a “falácia” do ensino remoto. **Universidade e Sociedade**, v. 31, n. 67, p. 36-49, jan. 2021.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

SENADO FEDERAL. **Impactos da pandemia na educação no Brasil**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemi-a-na-educacao-no-brasil>. Acesso em: 25 set. 2023.

SHIBUYA, C. L. A. **Do virtual ao real: implicações da internet nos projetos de vida do adolescente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, J. E. N.; SILVA, M. G. R. Práticas docentes em tempos de pandemia: refletindo sobre escolas públicas situadas em contexto de vulnerabilidade social. In: RODRIGUES, J. M. C.; SANTOS, P. M. G. dos (org.). **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 58.

SIQUEIRA, O. G. O modo de produção capitalista e a agricultura. **Colóquio: Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, RS, v. 11, n. 2, p. 113-131, 2014.

SOUZA, E P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Caderno de Ciências Sociais aplicadas**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. 110-118, 2020.

SOUZA, Ligia da Paz de. A pandemia da COVID-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, Piauí, v. 4, n. 8, p. 68-73, 11 ago. 2020.

SPOSITO, M. P. Indagações sobre as Relações entre Juventude e a Escola no Brasil. **Revista de Estudios sobre Juventud**, v. 9, n. 22, p. 220- 267, 2005.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora UFSC, 2006.

TRISTAO, V. G. S.; VALENTE, L. F. Direito à educação em tempos de pandemia. **Revista Enfil**, Niterói, RJ, v. 2, n. 13, p. 237-259, 2023.

UNA-SUS. Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/oms-declara-fim-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-referente-a-covid-19>. Acesso em: 9 ago. 2023.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ZAMBIASI, Larissa de Souza; MERA, Claudia Maria Prudêncio de; RODRIGUES, Domingos Benedetti. Relações Familiares Na Propriedade Rural e a Permanência Do Jovem Na Atividade Leitura. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, São Paulo, v. 17, n. 44, p. 324-339, abr. 2022.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Eu, _____, aluno do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFGoiano – campus Urutaí, cursando o _____ ano, estou ciente de que ao participar desta pesquisa terei assegurado o sigilo do meu nome e que entendi os objetivos a que se prestam a pesquisa **“Os Projetos de Vida dos Jovens Rurais do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí diante da realidade da Pandemia de Covid19.”**. Concordo que durante o período de realização da pesquisa somente responderei aquilo que me for perguntado de acordo com a minha vontade, não sendo obrigado, nem constrangido a responder nenhum dos questionamentos. Asseguro que entendi a dinâmica da roda de conversa, sendo assegurado a mim que a referida pesquisa ocorrerá livre de vícios (simulação, fraude e erro), dependência, subordinação ou intimidação.

Entendo que toda pesquisa incorre em riscos e a referida pesquisa a que me submeto ao assinar esse consentimento possui os seguintes riscos: constrangimento, dificuldades em me relacionar com os demais participantes, medo de ser identificado, falta de vontade de continuar participando da pesquisa e depressão.

Certo de que os pesquisadores garantirão que serão adotados todos os procedimentos de acordo com a Resolução 466/12 do CNS, com vistas a minimizar ou dirimir os riscos, e que a qualquer momento posso declinar de continuar participando, Eu assino o presente instrumento.

Urutaí (GO), _____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante (voluntário)

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: intitulada “**Os Projetos de Vida dos Jovens Rurais do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí diante da realidade da Pandemia de Covid19.**” Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) pesquisador (a) responsável Marlene Aparecida Mesquita, através do telefone: (64) 3465-1900 ou através do e-mail marlene.mesquita@ifgoiano.edu.br. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Goiano (situado na Rua 88, nº310, Setor Sul, CEP 74085-010, Goiânia, Goiás. Caixa Postal 50) pelo telefone: (62) 9 9226 3661 ou pelo email: cep@ifgoiano.edu.br.

1. Justificativa, os objetivos e procedimentos (Os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, detalhando todo o processo de participação dos sujeitos da pesquisa. Caso haja, explicitar procedimentos alternativos que possam ser vantajosos aos participantes)

A presente pesquisa é motivada pela necessidade de se avaliar os impactos da pandemia do Covid19 na vida acadêmica e pessoal dos discentes do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio do IF Goiano – Campus Urutaí. Por ser um fato inédito a pandemia com certeza afetou vários aspectos da vida desse grupo estudado, o modo de educação, a forma de vida dos envolvidos, a luta pela subsistência, os esforços empreendidos para tornar viável a continuação do processo educativo para esses/essas jovens.

Discutir as experiências das possíveis alterações nos projetos de vida vivenciados pelos jovens estudantes das zonas rurais, que foram matriculados no ano de 2020, do curso Técnico de Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Campus Urutaí, durante o período mais crítico da pandemia de Covid19, principalmente durante o ensino remoto adotado pelo IF Goiano.

A pesquisa será implementada nas dependências do IF Goiano – Campus Urutaí, em Urutaí (GO), utilizando discentes do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, que sejam residentes na zona rural. Os alunos a serem participantes desta pesquisa são os matriculados no ano de 2020 e compreendem 12 alunos que são originários de domicílios rurais, sendo que os discentes estão frequentando as aulas no 1º ano, 2º ano e no 3º ano do curso.

O procedimento detalhado da roda de conversa será detalhado a seguir. Em um primeiro momento, os alunos serão convidados a participar da pesquisa e serão distribuídos os termos de assentimento e o presente termo de consentimento livre e esclarecido para encaminhamento aos pais ou responsáveis. Em seguida, serão definidos a data e o local para realização das rodas de conversa. Serão realizadas rodas de conversas com os alunos do 3º ano do ensino técnico em agropecuária, por meio de mediação com motivação dos alunos utilizando textos que provoquem a discussão sobre o tema efeito da pandemia de Covid19 sobre os Projetos de Vida dos jovens da zona rural. Essa roda de conversa será informada aos alunos, sendo explicada a metodologia e conduzida como se fosse uma aula em que o tema verse como sendo. Na sequência serão realizadas perguntas que forneçam oportunidade dos alunos dialogarem e exporem seus anseios em relação ao curso durante o período de pandemia da Covid19. Ao longo da troca de ideias serão realizadas anotações, filmagens, retiradas imagens e gravações de áudio com vistas ao registro das informações. Para tanto, serão utilizados vários recursos audio-visuais, sendo priorizado o uso do celular, por ser o meio mais fácil e prático. Com os alunos que abandonaram o curso, serão realizadas visitas com a finalidade de condução de uma entrevista com as mesmas perguntas utilizadas na roda de conversa para conhecer os motivos pelos quais os alunos abandonaram o curso. Os resultados serão divulgados a todos os participantes da pesquisa por e-mail.

2. **Desconfortos, riscos e benefícios** (Descrição dos desconfortos e riscos esperados nos procedimentos e dos benefícios diretos e indiretos ao participante da pesquisa)

Os riscos inerentes a você, participante, são mínimos sendo relacionados ao constrangimento por estar participando da pesquisa, depressão, vergonha, medo de ser reconhecido ou de não ser assegurado o sigilo, não se sentir confortável em responder aos questionamentos. Todos esses riscos serão minimizados com a garantia de sigilo e respeito à vontade do participante em responder ao que for perguntado e, também a desistir de sua participação na pesquisa a qualquer momento. Será assegurada também a disponibilidade de assistência médica e psicológica aos participantes durante e após a execução da pesquisa.

Os benefícios oriundos de sua participação será a discussão e o entendimento dos fatos ocorridos durante a pandemia do Covid19 e suas consequências na vida dos jovens discentes residentes nas zonas rurais. Benefício direto ao participante será o conhecimento acerca do que é um projeto de vida, sua elaboração e reelaboração sempre que necessário. Além disso, haverá possibilidade destes indivíduos entenderem melhor as dificuldades vividas durante o tempo de pandemia da Covid19 e associadas ao ensino remoto. Isso porque, alunos que aprendem mais, tem maiores chances de se desenvolver como cidadãos críticos e conscientes, apresentando vida plena de direitos e possibilidades.

3. **Forma de acompanhamento e assistência:**

Será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será encaminhado para tratamento adequado da seguinte maneira: serão encaminhados para atendimento médico e psicológico na própria Instituição, sendo garantido o atendimento caso o dano tenha sido originado pela participação na presente pesquisa.

4. **Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo**

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Você receberá o resultado da pesquisa em seu e-mail, assim que for publicado em periódico científico.

5. **Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos**

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso haja custos adicionais, haverá ressarcimento aos participantes das despesas. Caso você sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, os pesquisadores garantem indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ concordo em participar da pesquisa intitulada **“Os Projetos de Vida dos Jovens Rurais do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí diante da realidade da Pandemia de Covid19.”**, de forma livre e espontânea, podendo retirar a qualquer meu consentimento a qualquer momento.

_____, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

ANEXO III

QUESTÕES NORTEADORAS DAS RODAS DE CONVERSA e ENTREVISTAS

TEMA: Realidade dos jovens rurais.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- 1) Qual seu nome e sua idade?
- 2) Você mora com quem?
- 3) Quem é o responsável pela família?
- 4) De onde vem a renda familiar?
- 5) Você está estudando?

TEMA: A escola antes e depois da pandemia.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- 1) Como foi o período da pandemia para sua família e para você?
- 2) Qual foi a motivação que te levou a ingressar no Instituto Federal Campus Urutaí?
- 3) Como foi tempo estudando no Instituto Federal Campus Urutaí?
- 4) O que te fez desistir ou adiar seus planos?
- 5) Você pensa em estudar agora que não estamos mais na pandemia?

TEMA: A situação dos jovens rurais durante a pandemia.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- 1) Você trabalhou durante a pandemia? Você contribuiu com as atividades da família durante a pandemia?
- 2) Como ficou a questão educacional durante a pandemia? Fale sobre os motivos.
- 3) O que você pensa hoje sobre os planos que tinha? Pensa tentar novamente?
- 4) Na sua comunidade tem algumas organizações de jovens, tipo: religioso, recreativo, comunitário, associativo? Como foi durante a pandemia?
- 5) Como é a questão lazer na comunidade? Como foi durante a pandemia?

TEMA: Os projetos de vida dos jovens antes e depois da pandemia.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- 1) O que você espera do futuro?
- 2) Quais eram os seus planos antes da pandemia?
- 3) E hoje quais são seus planos para o futuro?
- 4) O que você precisa para realizar seus planos?
- 5) Quais são os seus desejos e quais são as dificuldades para realizar?